

AUTORES & LIVROS

15/3/942 SUPLEMENTO LITERÁRIO DE "A MANHÃ"
publicado semanalmente, sob a direção de Mário
Leão (Da Academia Brasileira de Letras)

Vol. II
Nº 9

Notícia sobre Castro Menezes

Castro Menezes, cujo nome por extenso era Alvaro de Sé Castro Menezes, nasceu em 3 de junho de 1883, em Niterói. No Ginásio Nacional, hoje Colégio Pedro II, fez o curso de humanidades, sendo eleito, escolhido para orador de honra.

Na nossa ocasião revelava-se o poeta e o homem de imprensa, que houve de falar, mais tarde, tão acentuada atuação em sua geração. Sua estréia nas letras deu-se com a volumetria dos "Mitos", no qual revelava as mais nítidas tendências simbolistas, apoiando, que sempre, a poesia de Cruz e Souza.

E sob o fascínio da grande poesia negra que Castro Menezes, juntamente com outros repesas de marcada vocação literária, fundou em 1901, a revista "Rosa Cruz". O diretor dessa publicação, que ficou tão famoso em suas letras, era Saturnino de Mairides, figura muito simpática de nosso movimento simbolista, escritor e poeta que está a exercer curioso estudo de algum critico compreensivo e atento. "Rosa Cruz" iniciava a sua existência com a publicação de três trechos de Cruz e Souza: dois sonetos, "Ode sagrada" e "Mundo inacessível"; e um hambante trabalho em prosa, "Flor Sentimental", que foi a página de abertura de isto.

"Rosa Cruz" encerrou muitos trabalhos de Castro Menezes. Na seu primeiro número já se ali publicava dois trabalhos — "Rosa alpestre", verso, e "Via Crucis", artigo de críticas a um livro de Felis Pachache. Tendo-se formado em Direito, Castro Menezes partiu para o Pará, fez-se um belo professor do Gláucio Poco de Carvalho, e entregou-se ao jornalismo. Não demorou ali, porém, a regressar ao Sul, teve outras atividades. Foi primeiramente promotor público em Itaborai, depois juiz municipal de Conceição de Duas Barras. Em 1918, abandonou a magistratura, passando a residir no Rio. Foi então lente catedrática do Encontro Superior de Agricultura, secretário geral da Associação Commercial do Rio de Janeiro, e da Federação das Associações Comerciais do Brasil.

No mesmo tempo, "o Castro Menezes trabalhando para a imprensa, na atividade que sempre fôr seridamente a de sua paixão. Redator do "Jornal do Comércio", chegou a ter ali uma excelente situação. Na "Revista Sônia Cruz" — publicação magnífica que operou nessa cidade e em cujas páginas guardam-se trabalhos notáveis de ótimos escritores de momento — teve ele brilhante atuação. Sob o pseudônimo de "Castriúca", ali publicou, durante anos, formidáveis trabalhos de prosa, sonetos e poesias de encantadora forma.

Castro Menezes faleceu aos trinta e seis anos, no dia 7 de março de 1920.

Castro Menezes

Humberto
de Campos

As letras brasileiras e, em especial o valor. A sua atividade particular, o jornalismo carioca, era, em verdade, tão assombrosa, tão intensa, tão variada, que uma das suas figuras mais brilhantes e curiosas. Poucas escrituras foram, no Brasil, tão opulentas de seiva intelectual e de resistência moral como o desse paladino do trabalho intenso, que deixou, com a sua morte, um vazio impreenchível no meu coração.

A vida desse lutador formidável aparecia, aos meus olhos, como uma árvore pleóptica de energias vegetais, que, impedida, pela fatalidade do clima, de dar frutos regulares e temporais, se consolava, numa loucura desordenada, abrindo-se em folhas, em ramos, em flores e em pomos de todo tamanho, para não morrer crestada pelas próprias forças interiores.

Castro Menezes era, como homem de letras, um grande, um admirável poeta, em prosa. O seu talento era o de um escritor de pulso e de raça, que absorvia, prendia, maravilhava. As contingências da vida exigiam-lhe, porém, o sacrifício dessas qualidades fundamentais da sua inteligência criadora, e o poeta disciplinando a vontade, suplantando os surtos íntimos do espírito do coração, transformava-se, de repente, num magreiro mental, em economista, em financeiro, em especialista, nas questões árduas e complicadas, de que resultava a riqueza dos outros.

Absorvido, como vivia, pelas problemas econômicos: do seu tempo, o prosador sumptuoso do "Jardim de Heleida recorda os monumentos de cidades subterrâneas, que se tornaram mais preciosos depois de desaparecidos. Foi preciso que se lhe af-

gassem os sonhos de coisas novas, exóticas, dão-nos ideia os seus contos, em que aparecem, de vez em quando, princesas da Índia, feiticeiras da África, mulheres trágicas e selvagens, que ele talhava no ouro da luz, no bronze da sombra, no fumo da nuvem, com o buril da sua imaginação oriental. As extravagâncias o encantavam, mesmo quando lhes chegava a fadade. Mostrava-lhe os bastidores de um cenário onde se tivesse operado a farça de um prodígio, e ele fecharia os olhos, pelo prazer, apenas, de continuá-lhe a crer no milagre.

Vem-me, ainda agora, à lembrança um episódio documental. Era Castro Menezes vivo da primeira esposa, e eu e Miguel Melo, solteiros, quando nos foi apresentada, aos três, em uma mesa de restaurante, uma senhora sem encantos apreciáveis, que se achava de passagem pelo Rio. Nos dias consecutivos a apresentação, eu e Miguel nos desinteressamos, em absoluto, da viajante, em quem não havia nem beleza, nem graça nem siqueira, o ouro da mocidade, que tudo supre. Castro Menezes ficou, entretanto, maravilhado. A "mãezinha" faleceu, durante o jantar, nos horrores de uma viagem pela Rússia, noz encantos de uma permanência na Índia, em uma encadada de leões na África, enfim, mas particularidades de uma vida tumultuosa, bizarra, de romance. No dia seguinte ainda estava mais encantado: a dama havia lhe falado da Argentina, do Chile, onde nasceu, particularizando fatos de sua educação na Alemanha; de onde fugiu, uma noite, com um príncipe sério, que a abandonou no Turquestão. No terceiro jantar, Castro Menezes ouviu uma terceira história, e, em vez

de "Decílio Vilar", estudo de arte social, (está de mesma forma inédito).

Chamemos a atenção dos leitores que esses se interessaram especialmente por Castro Menezes, para a parte disposta de seu obra, que se encontra perdida nas páginas de "Rosa Cruz", da "Revista Sônia Cruz" e do "Jornal do Comércio". Foram esses, porcos-nos, os folhos em que o poeta, o homem de letres e o jornalista, que houve em Castro Menezes, mais longa e permanente atividade teve.

(Continua na página seguinte)



CASTRO MENEZES

SUMÁRIO

- PÁGINA 127: — Notícia sobre Castro Menezes — Experiência de amor, de D. Milanez.
- Bibliografia de Castro Menezes. PÁGINA 135: — Castro Menezes de Humberto de Campos
- PÁGINAS 136 e 137: — Manuel Bandeira (A propósito do "Cinza das Flores"), de Castro Menezes.
- Heloisa, de Castro Menezes. PÁGINA 139: — Opiniões de Castro Menezes. — O mal dos capitalistas. — A mulher — O prazer de enganar... — Granchy, de Stefan Zweig.
- PÁGINA 128: — Fim de novela, (Capítulo 8, final de 21 horas da vida de uma mulher), de Stefan Zweig.
- PÁGINA 140: — Castro Menezes, de Manuel Bandeira (da Academia Brasileira).
- Jardim Fechado, de Castro Menezes.
- O recinto da Saudade, de Castro Menezes.
- PÁGINAS 130 e 131: — Soneto de Augusto Frederico Schmidt, (Do Mar Desconhecido) — Mar Desconhecido — Soneto do Patriarca — Soneto Cipriano — Soneto de Luciano — Meus avós portugueses — Vamos: o mar espera... — Quero agora rever as velhas flores — As estrelas — Quero da inspiração contar o assunto... — Ela dançando parecia a imagem... — "A poesia chega" — "E agora de repente no coração incomprendido..." — "Descom sobre as violetas escondidas" — "Como a Aurora, meu Deus, lá pelos ares..." — "Porque tanto semei, se os frutos vieram..."
- PÁGINAS 132, 133 e 134: — Encontro em Weimar, de Ernesto Feder.
- O soneto brasileiro. De Gêrgio de Matos a Raimundo Corrêa, por Alberto de Oliveira.
- PÁGINA 142: — Fuga, de Algar Renault.

Manuel Bandeira —

O livro de estreia do sr. Manuel Bandeira revela-nos mais um poeta de verdade, que sabe cantar com emoção comunicativa e sincera, sem artifícios nem preclarismos de forma. Seus versos, trespassantes de língua, possuem uma suave melodia que denota a espontaneidade com que foram feitos, língua e singelamente, despidos de complicados lavoros. "A Cinza das Horas" forma um gracioso volume, de cerca de oitenta páginas, que tem, talvez, um único defeito: o de ser pequeno. Porque a leitura das poesias nele enjoladas é tão agradável, tão encantadora que ramos, insensivelmente, da primeira à última, num entero crescendo. O livro é, todo ele, de uma beleza infinita e, sobretudo, de uma grande naturalidade. Não há, nessas páginas emotivas, termos rebuçados, rimados, obscuros, preocupações metríticas, rimas que temorem a "vitrine" de uma ourivesaria; são versos simples, fluentes, comandados que fluem como esses calmos rios que deslizam pelos vales, entre margens floridas, sob o céu azul. Como duas leituras, ficam-nos de cor, o exemplo dessas melodias itálicas que, uma vez escutadas, nunca mais são esquecidas. Eis aqui, como amostra, um lindo soneto dedicado a Antônio Nóbrega, o triste e original poeta do "Sô":

Tu que penaste tanto e em
tu cujo canto
Há a ingenuidade sinta do me-
lhor.
Que amaste os choupos, o da-
lbrar do sino,
E cujo pranto faz correr o
lamento:
Com que magnifico olhar, ma-
liquo espanto
Receio em teu destino o meu
destino!
Essa dor de tossir debendo o ar
lindo
A esmorecer e desejando tan-
tito...
Mas tu dormiste em paz como
as crianças.
Borrão a Glória das tuas espe-
ranças
E beijou-te na boca... O lindo
lamento!
Quem me dard o beijo que em
mou tanta sinceridade como
este.

Foste onde os vinte anos...
[Eu nem tive...
Eu, não terei a Glória... nem
[Já bem.

E preciso ter lido, — lido e sentido — Antônio Nóbrega para dar a esses dolentes autores versos todo o valor que eles tem. O retrato é fidalgo. E bem de "Anto" o rosto que passa na espontaneidade desse soneto evocativo, cujo ritmo indeciso recorda uma "rêverie", povoado de resquícios tristes e de ilusões que desfazem sorrindo... Essa mesma nida, aliás, floresce na primeira poesia:

Sou, bem, nascido. Menino,
Fui, como os demais, feliz.
Depois, veio o mau destino
E fui de mim o que quis.

Veio o mau gênio da vida,
Rompeu em meu coração,
Levou tudo de ronda,
Rugiu como um juramento.

Turbou, partiu, abateu,
Quem sem razão nem só —
Ah! que dor! Maguado e só,
— Só! — meu coração ardeu...

Adeus em pritos dementes
Na sua palma sombria.
E dessas horas ardentes
Ficou esta cinza fria.

— Esta pouca cinza fria.

O sr. Manuel Bandeira deve ser um irmão espiritual do sonhador poeta-estudante, que viveu em meio dos poeiris, cantando a melancolia entristecida pela ausência râ de um ideal perfeito, mas frágil. Suas dificuldades com Antônio Nóbrega em nada lhe diminuem, todavia, o valor próprio pois não são láis que lhe observam a personalidade, levando-o a uma imitação inconsciente. O autor do "Cinza das Horas" seria o mesmo poeta que é e sentiu, do mesmo modo o amor, a natureza, a vida, se nunca houvesse lido os "Males de Anto". E o seu fetiche. Não é triste por atitude estúpida, ou por vontade de ser, mas sim porque, por mais que se esforçasse, não conseguia traduzir de outra forma as suas horas de cima e de abandono. Em raros livros de versos, dos que vieram a lume nestes últimos tempos, encontramos:

— Bem cavado!...

O bem cavado era o maior elogio que fazia ao que era alheio: frase, trocadilho, verso, prosa, em suma, o que dependesse de esforço ou de gênio. A propósito dessa exclamação, Fontoura Xavier (João Batista) forjou uma pilharia pitoresca, de ironia dolorosa:

— Quando o Castro Menezes morrer, — dizia ele, — nós iremos levá-lo ao cemitério. Chegando ali, paremos o corpo juntando a sepultura. Ele, então, levantará a cabeça do caixão, olhará o buraco, e exclamará ainda dessa vez: Bem cavado! E descerá ao túmulo.

Castro Menezes não proferei no cemitério a exclamação que Fontoura Xavier esperava. Não a profetiu porque Fontoura, mais apressado do que ele, já lá estava, no fundo da terra, desde o ano anterior...

— Colado! É uma vítima da

A propósito de "Cinza das Horas" Castro Menezes

Tanta sinceridade e tanta graça — no sentido místico dessa palavra — patenteando uma alma cheia de beleza e de humildade feliz. Esta poeta é dos que nascem para ser amados por uma irmã celeste e compassiva, cercados, constantemente, de desvelos angelicais.

Porque tudo, nestes versos suas, desce, descendendo uma banda de ingenua e sabia, como a de Jesus no meio dos doutores. O sr. Manuel Bandeira não só a impressão de que chegara a velice com um coração eternamente criança... Fez-lhe o que podem aspirar a esse malogre, dando sômente aos que possuem a beleza interior que mais se apura quanto mais experimentada pelas despezuras da vida.

Não há, nestes versos que lembram, as vezes, a embaladora monotonia de um acidente, uma única recriação, o mais leve queixume ou grito de revolta. O poeta aceita a existência como uma dália e, boa ou má, ela, aos seus olhos, torna a felicidade de um sonho que só é belo porque é triste. E assim que ele a canta: é assim que ele conta os seus segredos, sem preguiças, naturalmente, nenhuma confidência que traz em si própria a dureza de um perdão para tudo e para todos. Seus amores, suas esperanças, seus desengonços e melancolias flutuam na neblina de suas risadas como grandes flores sobre as águas quietas de um lago, num lindo parque silencioso à hora crepuscular. Não nos dão frêmitos de voluptade, nem deslumbramentos de apoteose, mas a sensação penetrante e suave de um sonho raro, vago, em que a alma se eleva mansamente, acima das contingências da vida e tem, para si própria e para o mundo, um tranquilo sorriso de indulgência. O sr. Manuel Bandeira é um poeta que se sente "em paz com seu destino" e que, dentro desse destino, nos pode dar, e há de dar, um livro ainda mais belo que "A Cinza das Horas", um livro em que todo o seu estilo delicado, sugestivo, original, esplendoroso, confirmado, magnificamente, as previsões que sua estreia justificou e que lhe afigurava um futuro de destaque entre os nossos melhores poetas.

("Jornal do Comércio" edição da tarde). — 25-6-917)

HELOISA

A luz crepuscular que resvala indecisa
Na severa nudez dos muros do Convento
Deixa o céu humilde e o rosário um momento
Surge, como uma santa, a aparição de Heloisa.

Surge de mãos em cruz, o olhar, triste e nevoento
Fitó na erma amplidão onde o sol agoniza...
Sulca-lhe o rosto ebóreo o pranto que desliza
E é um bálsamo do céu a abrandar-lhe o tormento.

Ela é quem faz viver a angústia da paisagem,
Tudo ceder parece à influência de sua imagem,
Enquanto a neve cai, do sino ao sobre fardo...

E é por isso que o val recorda um Campo Santo,
Quando a Monja, a rezar, cuida ver, por encanto,
Destacar-se da bruma o vulto de Abelardo...

CASTRO MENEZES

Opiniões de Castro Menezes

O MAL DOS CAPITALISTAS — estrele posse o veludo brilho dos capitalistas, por seu mal, dos olhos da mulher? Que Horácio é sempre muito mais crédito a experiência dos guarda-livros do que à beleza negra de uma judia? Que palavras serão mais deliciosas do que um beijo no baco do crioulo desejado? Que fonte contém melhor do que o vos feminino, quando pomete, quando mente? Onde olhar mais suave que a de um cão, mal-educado mais belo que um sorriso de menina quase moça? Evidentemente, as interpretações de Babilônia, estôdo, todos eles, engonçados. E os hermenêuticos, nesse capítulo, protestam, antes de tudo, ser poetas...

O PRAZER DE ENGANAR — Há muitos homens que se costumam por prazer de enganar a comunhão. Graves, circunspecções, com cara de quem dá presentes, as suas sonoridades são profissões de invencibilidade, gizam da volúp-
tade masculina, do chegado tanto que sucede. Para mim o Porelho não era o Edén terreal, com as suas flores em eterno desabroche, as suas águas sempre cantoras, os seus frutos cheios de doces, a sua primavera ininterrupta.

O Porelho era a própria Eva, com os seus encantos e caprichos, com em casa, as voltas com o libidino, os seus vícios e defeitos. Que da...

Castro Menezes

Continuado da página anterior

de voltar-se com o cíngulo da aventureira, ficou ainda mais interessado pela Scherma, esportista cosmopolita.

— Mas, Castrucio, — observou-lhe Miguel Melo, — que admiração é essa por uma criatura que não é bonita, não é nova, não têm, enfim, uma singularidade que prenda um homem?

Castro Menezes soltou uma das suas gargalhadas atormentadas, e confessou:

— E é o que vocês pensam. É uma criatura encantadora. Imaginem que todo dia ela tem uma vida para contar à gente!

Era a sua paixão pela novidade, pelo imprevisível, pelo romance fantástico, que se revelava, revelando o poeta.

De outra feita, estávamos nós em palestra, quando se aproximou um amigo comum, que se havia divorciado por incompatibilidade com a família de esposa, cujos irmãos, irmãs, cunhados, primos, tios, gatos, porcos e cachorros se tinham metido, todos, sob o teto do desgraçado. A vista do infeliz, Castrucio comentou:

— Colado! É uma vítima da

educação doméstica, no Brasil!

E elucidou:

— No Brasil, meu velho, a gente se casa é com a família da moça; a mulher vem de quebra!

E riu alto, com a alegria da sua bondade generosa.

As narrativas que lhe faziam, ele elogia sempre com uma exclamação:

— Bem cavado!...

O bem cavado era o maior elogio que fazia ao que era alheio: frase, trocadilho, verso, prosa, em suma, o que dependesse de esforço ou de gênio.

A propósito dessa exclamação, Fontoura Xavier (João Batista) forjou uma pilharia pitoresca, de ironia dolorosa:

— Quando o Castro Menezes

O homem Castro Menezes

ROCHA POMBO

Castro Menezes, como homem, já é uma figura original. Ele não se perdeia no meio de uma multidão, mesmo de homens cultos; pois não é comum nem no tipo, o ar, o gesto, os modos, a voz, os ademães, o olhar — tudo é seu próprio, sem afetações, sem mediada, sem esforço, com absoluta naturalidade. Esse concepção singular, deixa logo presenciar o mais que se lhe vai desvendando a medida, que se nos acara, pelo convívio, a sua solidade compreensão de forte. Ele se caracteriza pela sua grande saúde moral; pela sua alegria ao mesmo tempo discreta e ruidosa; pela igualdade do seu humor; pela sua abundância de alma; e sobretudo pela sua firmeza no encarar a vida e o mundo — relegando para trás o que é triste, pequeno ou ignorável, não por orgulho, antes compungido, como quem reconhece o pequeno, ao triste, ao doloroso o direito de existir, tão bem quanto ao que é belo, nobre e grande, mas cancelando aquilo e só vivendo disto.

(Revista Serra Grossa — Fevereiro, 1918).



CASTRO MENEZES, num desenho de Décio Villares

Castro Menezes - Manuel Bandeira (Da Academia Brasileira)

JARDIM FECHADO

Conheci dois Castro Menezes, — a de 1902 e a de 1918; o secretário do Gimnasio Nacional e o redator do "Jornal do Comércio", Secretário Geral da Associação Comercial do Rio de Janeiro, autor de brochuras como: "O Algodão no Egito", "O Povo, seu Econômico e Financeiro do Brasil", "Algodão nos Estados Unidos", "O Futuro Econômico do Brasil", etc.

Este último me dizia na intimitade que não entendia nada de Economia, e para desculpar de notícias passadas em elas redigiu... para os outros, estuprados e relatórios, escritos na "Revista Souza Cruz", crónicas cintilantes, que eram ainda pretexto de ganhar mais alguma dinheir... também para os outros.

Todos os dois Castro Menezes, que haviam diferença! Disse-o ele mesmo num soneto de "Lar Desfeito", a única parte de sua produção que lhe provoca alguma ternura:

As duas moças de aquela noite
Já altura...
Decíduo de medievo paladino...
Cada uma ativa era formosa;
Quem era tão diversa a outra desse
(line):

E no terceiro final:

Tudo o que de anjo revestido
Avejante no meu ser, an-
jado,
Com sua banda de leões numas
fornaceas...;

O Castro Menezes dos dezenove anos era um adolescente arquiteto, que eu, três anos mais novo, admirava sem ouvir desconfiar. Tinha publicado um livro de versos a que chiamava "Milas" porque estátua no ano da graça de 1902, se escrevia com "y", e "m", o que para um simbolista dava um mundo de coisas.

Um colaborador da revista "Esa Cruz", onde eu procurava o que ele escrevia para depois repetir de cor. Ainda hoje me lembro de alguma pedágio dessas poesias, que me pareciam inaudíveis:

Dei os nomes, Alenor, a uma lila
Incentivada,
Pois é um soneto, inenso de
Iminalma...;

Castro Menezes detestava Bilac, como todo bom simbolista consegue tempo. Isso me perturbava um pouco, porque eu gostava de Bilac a ponto de decerca toda a "Via Lactea". No fim do curso, Castro Menezes foi o orador da sua turma, e com o mesmo ar ativo com que os seus versos no clausório do Gimnasio, proferiu um discurso em que citava Verlaine e Maeterlinck, e que eu achei uma maravilha...

Depois adocicado, andei por fora durante muitos anos não ouvi

mais falar de Castro Menezes. Até um dia me informaram que ele não fazia mais versos, meteria-se a estudar Economia Política e tornara-se um "homem prático".

A informação não dizia precisamente a verdade. Castro Menezes vivia algum tempo em Belém, onde foi jornalista e professor, casara com uma criatura angelical, e de volta ao Rio tornou-se promotor público em Ilabaval, depois juiz municipal em Duas Barras.

Duas Barras, que ele cantou (porque continuava a fazer palavras simples e doces, sem maiores necessidades — das de "yy" e "ihh");

Empatava o café pelos tecidos. Passava carros de bois, chilando, ia distinção. Bate na roça e entrou das florestas

E dos vales sua voz ressoa a fragrância.

Quando eu publiquei "A Cinza das Horas", Castro Menezes, que fazia notícias críticas na edição da tarde do "Jornal do Comércio", não só escreveu muito generosamente sobre os meus versos, como me procurou em minha casa (abordando-me doente), e foi então que eu conheci um Castro Menezes inteiramente diverso do outro que me assustava. Um Castro Menezes natural, franco, expansivo, de uma vitalidade que me surpreendia: nem vestigio da preciosidade pseudo-simbolista. Um Castro Menezes que punha a bondade acima de tudo. Via amigos por toda a parte. Casara-se novamente, e a segunda mulher era um anjo. Eu, naturalmente, era também um anjo. Décio Vilares, outro anjo.

Pouco tempo, muito pouco tempo, tive a ventura de gozar da sua amizade. Consultou-me sobre os versos que pretendia publicar, e com a maior sinceridade me perguntava se aquilo valia a pena de se imprimir.

Quem lê a "Estrada de Damasco" fica espantado como o simbolista odiador de Bilac se aproximou depois do poeta de "As Virgens". Na série das "Rainhas", por exemplo, há sonetos que seriam perfeitamente parnasianos, se não aparecesse aqui e ali um dodecassílabo sem a cesura mediana.

Mas essa espécie de involução tinha passado. Quando perdeu a primeira esposa, a poesia de Castro Menezes encontrou o tom justo para celebrar a saudade da morta:

Vendo no lar deserto, meu des-
erto...
Vendo as rosas e as esperanças.
Penso em ti, meu amor, que hoje
falecimento...

Castro Menezes, que eu acho

uma maravilha...

Depois adocicado, andei por fora

durante muitos anos não ouvi

mais falar de Castro Menezes. Até um dia me informaram que ele não fazia mais versos, meteria-se a estudar Economia Política e tornara-se um "homem prático".

A informação não dizia precisamente a verdade. Castro Menezes vivia algum tempo em Belém, onde foi jornalista e professor, casara com uma criatura angelical, e de volta ao Rio tornou-se promotor público em Ilabaval, depois juiz municipal em Duas Barras.

Duas Barras, que ele cantou (porque continuava a fazer palavras simples e doces, sem maiores necessidades — das de "yy" e "ihh");

Empatava o café pelos tecidos. Passava carros de bois, chilando, ia distinção. Bate na roça e entrou das florestas

E dos vales sua voz ressoa a fragrância.

E' nesses versos que encontro o último e definitivo Castro Menezes. E imagino-o entando os dominios da morte a repetir o soneto XXI de "Lar Desfeito":

Carmen, sou eu... Aqui me tanta...
De ti, fui ao doce amor antigo.
Casto effusivo do céu que anda comigo...
Única luz em meu roteiro incerto...

Aqui me tanta, em pranto, a sós contigo...
Lembrando nosso lar, hoje deserto...
Lar feliz, sonho bom de que des-
tacado...

Lar feliz, sonho bom de que des-
tacado...
Lar feliz, sonho bom de que des-
tacado...

Junto de tua humilde sepultura,
Ajoelho-me, sentindo que na al-
tura, sob os olhos de Deus, leve re-
vosa...

Tua imagem, piedosa, me apa-
frece...
Movera as lábios numa eterna
prece...

E' tua estendes as mãos e me

(perdoa...)

E' tua estendes as mãos e me

POESIAS RARAS DE

MÍSTICA

I

Quanta vez, como uma ave misteriosa,
De como em ermo vagando,
Entre a luz, entre o fumo,
Não viu o meu olhar lançado no céu, sem rumo,
E o céu tentou deixado adormecer chorando
No azul de alguma noite explêndida e formosa!

Quanta vez, com lágrima suspensa
E que se caíu a um vento repentina,
Não sentiu-o que me deseja.
Que friso como a neve a pálebra amortece,
Naquela noite imensa
Célio o resplendor metálico de um ninho!

Quantas se prende e engasta
Lá nesse rio, cujas vagas cérulas,
Estreladas de lirios cintilantes.
Rólias ondas e ondas de diamantes
E onde as mãos de uma alvorada casta
Ha semendo um turbilhão de pétalas!
Quantas não paira incerto
Ouvindo de com mundos gloriosos
Os longínquos rumores sonoros.
Como um bater de ventos no deserto!

II

De onde esse errar de mundos sobre mundos
Esse errante bater d'asas cansadas
Em viagem de pélágos profundos
No mistério das noites encantadas?
Quem me arranca do íntimo este anseio
E nô arremessa no fundo das alturas,
Como um cristal que arroja-se no seio
De umas ondas escuras?

De onde o vago mistério temeroso
Que o sonolento espírito circunda,
Se de um orbe a outro orbe luminoso
Mais entraînha-se errante e mais se afunda?
Quando as harpas dos parâmos vibrantes,
Salmodiando os canticos do dia.
Entornam como chuva de diamantes,
Os concertos da mistica harmonia;

Quando, com os beligeros arreves,
A resplandente lâmpada divina
Uma vez se oceia e noutras vezes
De um metálico brilho se ilumina;
Porque, se a estrela dava inaculada
Desbracha, como um lirio n'Oriente,
Outra estrela, outra nênia d'alvorada,
Há de acordar-se em nos resplandecente?

III

No esplêndido luar das noites brasileiras,
Segundo a aparição da incida poesia,

Como um pássaro abrindo as asas formosíssimas,
Assim meu triste olhar se perde e se extasia!
E quando sob o azul do pincado dos montes
Sra estandarte doce a madrugada plana.
Sinto-o apagar-se, assim das largas horizontes
Foge a estrela da noite ao sol que se elevanta!

("Gazeta de Notícias" de 17-8-1878)

A poesia política de Alberto de Oliveira

A queda da Monarquia, em 15 de Novembro de 1889, inspirou a Alberto de Oliveira a seguinte poesia:

O EX-SOBERANO

Já vai longe de nós. Mas são da Pátria ainda
Estas costas que vê, esta planície infinita.
As águas — o horizonte, este espaço, estes céus;
India e Pátria que à luz do dia que amanhece,
Entre raios de sol, a vista lhe aparece

No derradeiro adeus.

Curva a cabeça branca, em pé, na proa, o rosto
Curva a cabeça branca, em pé, na proa, o rosto
Veste ares num suspiro o Imperador deposito.
Ah! deixar tudo isto! este país interro!

E quase só, depois de tão longo reino

A bordo de um navio, ir demandar cansado

Os lares do estrangeiro...

E livre, entanto, e crendo um sonho o que se passa,
Livre, os grilhões pisando, arrancada a mordaça,
Que a boca lhe tolhia a voz do coração.
Livre, em gritos de aplauso, a delirar, sublime

Como tudo o que ensim se pronto se redime.

Prorompe a multidão.

E a voz tremenda e augusta a seus ouvidos chega.
De lido que, aberta a janela, as pracas corre e oscila.
São as aclamações de um dia de vitória.
O eco de um grande mar que as rugas aclarava
Em bataltões, e rompe, entre os hinos que canta,
Pelo oceano da História.

E ele vai! — Que será, talvez surpreza inquiria,
Deste povo que o frenético delira,
Quicbrando a paz do sono, em que o ri a dormir? —
Qual si o inglório letargo, o rijo desconforto.
Que dava a este país o aspecto de um mar morto.
Fosse acaso o porvir!

Qual se estacar pudesse, havendo já crescido
Dia a dia a seus pés, de gemido em gemido.
Rouquejando a feição dos vagalhões sinistros.
Que há nas noites do oceano, a luctuosa corrente
Cujas águas — do jet tingira ultimamente

A mão de seus mictos!

Vai! — E como Titânia, ao sol radiante e belo,
Acorda a Pátria, e aos pés, de negro pesadelo.
Vê, com assombro, na c'rosa, ora deposita, o horror!
E este povo é tão bon, tão grande, no entretanto,
Que no cabô deste sonho, a alma lhe arquia em

(pronto:

— Pobre do Imperador!

Vai! — E que alegria suprema, e que infinita tristeza!
Há de experimentar, embalado nas águas,
As lombas do navio, o extinto soberano.
Quando, da grande mundo onde reinou, sonante
Novotona sentir a falar-lhe inconsciente
A vastidão do oceano!

E à noite, no convés, dos ventos à passagem,
Tinaciu a cismar, que esplendorosa imaculada
Há de longe entrever, sob o sombrio azul,
Quando por traz de si, no infinito distante,
Lá das bandas da Pátria aparecer radiante
O Cruzeiro do Sul!

E esta constelação, tão limpida e serena,
Talvez lhe infunda na alma uma secreta pena,
Infunda-lhe no peito uma vaga ansiedade,
E tudo o que era dor, ante aquelas estrelas,
Brilhe nos olhos seus, exalticos a vê-las.
Num jorro de saudade!

Saudade! Esta há de ser a extrema companheira
De seus dias finais, da hora derradeira!
Lá nas terras do exílio — esplêndida visão! —
Em seu mágico espelho ela fará que asseme
Dianas deles este mundo imenso, cujo nome
Leva em seu coração.

Confusamente, ai, mal definidos traços.
Lindas vés, sombras vés, vagos aspectos baços,
Ao princípio verá, como o esboço de um mundo;
Mas depois, ao cair, lágrima oscilante
Que a vista lhe embaciar, há de ao cristal radiante
Iluminar-se o fundo.

E tra tudo surgindo; a capital primeiro.
— Nas ruas, aclamado a voz de um povo interro,
Roda em seu carro. Apas, outra cidade, alegre
Com seus verdes jardins, sobre uma serpa exulta,
No verão despertando a um frêmito de vida
Que respirá-la vem...

Depois, vera surgir, passar, surgir de novo,
Céus, estrelas e sol, vidas, cidades, povo,
Ortes cheios de luz, praças cheias de festas,
E, onde mais ampollo se abre o espaço, fulgurante
A luz meridional, grandes rios cantando,
Montanhas e florestas...

E quando a visão, num profundo gemido,
Ele dirá consigo: — "Está tudo perdido!"
Depois... da consciência a voz tora de ouvir,
— "Do coro de rei que à fronte sustentava,
Num desredo fatal, tu mesmo agravaste
O instante de cair!

Pesa no exílio agora a obra que fizeste!
Não subeste reinar! ser grande não subeste!
Pois reconhece, enfim, se o orgulho l'io conserte,
Que governando um povo, a ti, como monarca,
Tudo veio a faltar — salvo do peito na arca
O coração somente!"

E enquanto isso ele ouvir, grandes na imensidão
Em que se abre o porvir, grandes, da liberdade
Marcharemos, seguindo unicamente as lóis...
Pois, para dirigir-se, o mundo americano.
Forte e alto, dispensa a todo o soberano.
Não precisa de reis!

17 de novembro de 1889.

("Gazeta de Notícias", 25-11-1889).

LUZ NOVA —

ALBERTO DE OLIVEIRA

V I I

Não sei onde há mais pureza;
Se no olhar que diz — amor!
Se no que exclama — Senhori!

E diz após — Natureza!

Não sei onde há mais pureza;
Se no olhar que diz — amor!
Se no que exclama — Senhori!

VIII

Quando, ao meu lado, eu, assim,
Vejo-te aéreo e tão bela,
Que só te julgo uma estrela
Suspensa sobre mim...

Quando te sinto ao meu lado,
Tão pura, tão costa, é pomba!
Como uma negra que temba
Lá do azul inaculado...

Quando — pequenos gigantes
Em mim teus olhos tu cravas,
Teus olhos — selfíssimas lóis,
E como que palpítantes...

Quando essas duas turquezas
Destalham lângos n'acônico,
Com o colo indiano
D'aquelas mortas princesas...

Ah! eu não sei o que exprime
Todo o meu ser n'esse efluvio
Sente os flamas do Vesúvio;
Sente as vertigens do crime!

IX

Aquela florinha azul,
Que ontem trouxeste do campo,
E que era a berça onlada,
Talvez, de algum pirlampi
Pelos vargentos exul!

Moreu... seu rosto esmigado
N'esse... só bem o cor;
Tinha o cor do leito amodo,
Dende lampiria adorado,
Tu dormes, ó meu amor!

X

Eu sei que moltas que o meus versos
Amos à noite escutares
A voz de alguma viola,

Os sons d'uma ária espanhola
Pelos serenos dispersos.
E' que, disseste, uma vez,
Há um que de mais horroa
N'estes sons que a poesia
Da teus versos nunca fez.

Para poder-te egrador
Hai de mandar ejuntar
As cordas de um bandolim;
E quando eu contar, assim,
De amar na volúpia imerso,
Ao céu não leve o olhar,
Porque tua luz do fio

Starão chorando os meus versos.

XI

E em meio de meu caminho,
Eu sei, se um dia conçar,
O peso d'esta montanha
Há de exprimir-me e esmagar.

E sob esse peso enorme
O que seré eu? — Me ofera
Ver o azul — esse infinito
Sobre essa migalha — o terral

XII

Estos pequenos canções
Cheios do amor que me desto,
Que pensas? Quando morreremos
Tão também seu cipreste?

Não! Dos lirios de teu peito
Nos urmos imaculados
Eu pedirei que dependam
Essas canções mol rimbolos.

Depois... — Romântico, seguindo
Luços brancos, brilhos!

— Estão aqui dois amores
Adormecidos num aí!

("Gazeta de Notícias", de 7-10-1889).

NOTA: — Quase todos os poemas, que Alberto de Oliveira, em 1878, publicou na "Gazeta de Notícias", com o título de "Luz Nova", foram, posteriormente, depois de sofrerem muitas emendas, publicadas em livro, com o título de "Canções Românticas". Encontram-se reunidas no 1º volume das "Poesias" de Alberto de Oliveira e o leitor que for o seu estudo, poderá agorar fazer um curioso confronto entre o texto que aqui lhe apresentamos e o que vim a prevalecer no livro, depois das alterações introduzidas pelo poeta.

ALBERTO DE OLIVEIRA

Os contos de Atta-Troll, O CAIXEIRO

Em frente à venda, suja e gordurosa,
Exponse a arrogância do sobrado;
Era a casa elegante e encravada.
O lar romantismo
De um devo mimo histérico e doentio;
Era sólida que, em horas de abandono,
Quase mística, arreia,
Como as visões do sono
Das desditosas líricas contoires.
Toda de branca, ao ar solto o cabelo,
Erguia-se uma pálida Consuelo,
Uma adorada Egéria!
Dali, duma daquelas
Alas, aristocráticas janelas,
Um brando olhar macio,
Meigo como os amores
Da cadelo, como um alma iluminada.
Era toda a "lascu" agradentada,
A casa do Francisco tavernero.
Como o povo dizia,
A soldado, que olhava da sacada,
Era o amor do estúpido caixero.

XXX

Era a rua sombria,
De um tal aspecto reles e mesquinho
E quase sempre úmida. As vidraças
Do Sírix do armazém,
Do ourives, da francesa, mal iluziam
Evidências, baixas;
Era acúque mais próximo pendiam,
Das foscas, negras escondidas portas,
Os vultos de um touro, as banhas claras,
De um carneiro sangrento
E os rumbos quartos de vielas mortas,
Is vezes, lento e lento,
A corrente do lixo, em tons pausados,
As orrunas do burro, estrepitava,
Sob os paralelepípedos molhados.
Quando a noite caia e a voz do sino,
Em lastimosos aiss.
Chorava no poema das Trindades,
Vinha o homem do gás,
Abreçoado, acendendo, e após seu passo,
Se abrigava na rua, pelo espaço,
As unhas de amarecas claridades,
E, ento, com seu ar mole e sonolento,
Como um velho cigano,
O alfaia Bento
Descia das estreitas
As ombristas de pano,
Os linhos, as alpacas.
Na rua, em passo tremendo, arrastado,
Oliava muito, a mão limpando à roupa,
A preta do Martins, suja, cambada,
Apregava amendoim torrado.

XXX

A venda tinha larga freguesia,
O silêncio das copas continuamente,

O estourar das cervejas vaporosas,
Do champagne, das limpidas gasosas,
Tudo aquilo fazia
Um ruído ferente.
No ar frio, chevando
Ao ranço da monteira e do toucinho,
Ferviam num confuso borborinho.
As moscas enxameavam.
A ordenada fileira dos botijas,
As "Bass" transparentes,
Os negros frascos, simbólicos, lucentes
Abram molles claridades ondas.
Ao fundo, num canário envelhecido,
Onde bojudo pipa se arqueava,
Qual gigantesca sanguegrossa cheia,
A terroria de um quinto respingava
Do úmido chão na areia.
Concupidos cortins de sabão resguardo
Cheiravam como unguento.
Brilhava nos barricos volumosas
O açúcar de uns touz baixos,
E das latas de Flandres gorduroosas
Desrromava-se forte, inebriante,
O bom cheiro higiénico dos paixos.
Descendo o dia, a tarde fria, e errante,
Uma aragem que, as vezes, das balanças
Tremulava as argolas,
Dançar fazia os restos de cebolas,
Como justicas, penduradas tranças.

XXX

Bem ao contrário dos demais caixeiros,
Anselmo emagrecia;
Dias, dias inteiros,
Uma quebreiro vaga o entorpecia.
Sujo, amarelo, com seus passos mancos,
Idiotamente, à voz de alguns "vadios";
Pelos tijolos frios
Arrastava os monotonos tamancos.
Vindos-lhe idíos de doença estranha;
Cuspidava ao redor, saindo à larga,
Os olhos como atônitos.
A mão fria espalmava sobre a ilharga
E lhe trazia uns impelos de râmitos.
O aspecto brando da macia banha,
Aquele vida ali era-lhe a morte!
Maldiz dos pais, que, a vil capricho,
Lhe bariram dada tão nefanda sorte.
Um fuzilo do luxo!
Um fuzilo de luxo ele exclamava;
Pretendia fugir... não se moldava
Aquele vida ingrata,
Estrepida, brutal.
Em que o homem porco, sujo... um animal!
Até proíbiam o trazer gravata!
Não, não se habitava,
Como os outros, a usar píjama vestido,
Que, nojento, enxebado, enegrecido,
De semana em semana é que se lava.
E ele, ele o Anselmo, ele, alivado
De uma taverna ao chão, torpe e obsceno,
Ele, imundo, um caixero, vil, pequeno,
Era contudo amado!
Havia quem por ele suspirava!

Um olhar que o seguia!
Um olhar que o buscava,
Cheio de ansiedade!
E quem? Não era de um burguês a filha,
Uma Adélia de lenço e de mantilho.
Seus os menores regras de gramática.
Mas sua flor de cima, pertencente
A classe aristocrática,
A classe superior da sociedade!
E então, limpando a manga
Da camisa de malha esfarralhada,
E para defronte arremessando o olhar:
"Sim! eu hei de lançar fora esta canga,
Me custe o que custar!"
E formava uns fútuos na sacada.

XXX

Um dia, debruzado
Sobre o balcão das vendas, enxebado,
Enquanto o amo, olhando a prateleira,
Fumava distraído,
Reclinado a uma cônmoda cadeira,
Anselmo, sepultando os seus pesares,
Abserto, esquecido,
Conversava com a pálida indolente
Na linguagem mísia dos olhares,
Era a sua dormente,
Morta, silenciosa,
Sem rumor, triste como um necróbio;
Nenhuma freguesia.
No estante das garrafas, o relógio

No som da voz metálica e morosa,
Cantava o meio dia.
A omante do caixero, debruzada,
Oh! como estava bela!
Toda de branco parecia ela
Flor de neve no alto da sacada
Anselmo olhava-a, via-a
Junto de si, senti-a...
Desejava voar... Mas, de repente,
Um óbrio, entrando, berra:
— "Um ponche de aguardente!"
Anselmo não o ouve. Encara, fita
único bem que lhe sorri na terra.
Oh! se aquela balcão não fosse estorvo.
Como ele a devorava de mil beijos!

E lhe atraía o olhar, onde os desejos
Tinham garras de corvo.
Nisso o óbrio, mais forte, pede, grita...
Então ergue-se o amo e olhando o o vendo
Naquele espasmo, por detrás lhe para:
Burro! disse-lhe, burro! e o punho ergunde
Poi-lhe direito à cara...
Dejante a linda amante preguiçosa,
A bela Consuelo
Com a ponta do cabelo
Era a sua lágrima piedosa.

ATTA-TROLL — (Alberto de Oliveira)

(Diário do Rio de Janeiro — 27-3-1938).

A ALBERTO DE OLIVEIRA — OLAVO BILAC

Não te compreendem, não!
A alma que ao torpe olhar da turba choccarreia
Mostrar, o coração
Que lhe abres, desvendando a tua vida inteira:
— Alma, que céus risonhos,
Flores, lagos azuis e pássaros povoam;
— Coração, em que sonhos
E radiantes visões, saltando as asas, voam;
Teu desgraçado amor,
Que agora te envenena e te consola agora,
Sangra uns golpes da dor,
E ora canha e delira, ora delira e chora;
O fúretro sombrio
Que carregas ao ombro, a relicário santo
Onde um cadáver frio
Dorme seu sono eterno envolhido de preto;

O fúretro que aos maus
Mostrar chorando e todo o teu amor transporta;
— Relicário em que faz
Amortilhada e pura a tua amante morta;
Nada te vale, nada!...
Este, que a inveja mordre, afira-te um apodo;
Daquele a envenenada
Bava imunda te cobre e te enlameia todo...
Ali em sítio lambem
O desespero atroz que o coração te inflama:
Dar a todos o bem,
Dar a todos a luz, e receber a lama!...
E ainda quando se atela
A magua, disfarçar será preciso a magua?
Será preciso cheia
Ter de rios a boca e os olhos cheios d'água?.

Não, poeta infeliz!
Bem se vê tua dor: deixa que o mundo ria!
Choras quando sorris:
Nem há riso que encubra o horror dessa agônia.
Que importa o mundo? Aquela
Que amaste e que morreu, viva te segue os passos:
Recorda-a, e o corpo dela
Toma, e contempla, e beija, e aperta entre teus
Braços!

Lembra-a e estrela a chorar
Esse corpo gelado ao teu peito jérizo...
Feltz quem pode amar
E venerar na morte o seu amor perdido!

6 dezembro 1888.

O ENCONTRO EM WEIMAR — Ernesto Fedor

O vijante que, por um belo dia de outono, caminhava com passos rápidos e elásticos, pela estrada que de Jena vai ter a Weimar, poderia ter uns 25 anos. Elegante, fisionomia simpática, muito brilho e algo de ironia nos olhos azuis, vestia um casaco cinzento, um colete listrado, calças amarradas e abafado preto. Um boné verde cobrindo, negligentemente, os cabelos loiros. De vez em quando cochilava nas amplexas que se alargavam nos dois lados da estrada, os frutos apetitosos. Num a encurvada um outro caminhante, moço, também, entabulava conversa com ele, pedindo-lhe, com polidez, permissão para ir em sua companhia.

O novo caminhante, evidentemente sob a influência de fárias liberdades, sem mais preâmbulos, perguntou como se chamava e novo amigo. A resposta foi rápida: "Chamo-me Peregrino: cosmopolita. Viajo a expensas do sultão da Turquia, aliciando recrutas para o seu Império. Gostaria de ir lá?" Respondeu o outro: "Mais vale ficar a gente em sua terra e ganhar honestamente a vida." Desconfiando de que o companheiro zombava dele, contou-lhe que era um simples alfaiate e que soberano do seu país quando em peregrinação à Palestina, fora capturado pelos turcos. O otomano encarregado de Negócios lhe prometia empregar todos a sua influência pessoal para restituir à liberdade o infotunado soberano.

Assim prosseguiram viagem; comendo frutas e vencendo-se, mutuamente, no torneio das invencionices grotescas. A cena mudou quando chegaram à fronteira da Prússia, que tinha um portão aberto no Oeste, dando Saxe-Weimar. Um sargento obeso e sanguinudo com um nariz descomunal e rubro, emborralhou-lhes os passos. "Prenome?" — "Enrique." "Nome?" — "Heine." "Profissão?" — "O nome o diz." — "Nada, a decídua?" — "Nada, não sei per-sonismo e dívidas." — "Onde da viagem?" — Fazer-me católico. "Toda a região é protestante." "Quando volta?" — "Hoje à noite como bispo." Ficou o sargento tão pasmado com essas respostas que se esqueceu de interrogar o "alfaiate". Este, no que ambos se viram longe da sentinela da ordem prussiana, exclamou alegremente: "V. é o Heine? Por que não me disse logo? Toda a cidade de Goettinger fala de suas pílulas e dos seus versos. Vai a Weimar ver o poeta do Fausto?" Heine evitou uma resposta direta. "Que Fausto é esse? Cada um de nós deve acreditar no seu Fausto. Também eu vou escrever um." "Aconselhá-lo, nesse caso, a não o imprimir, senão o público..."

"Pouco importa o público. Eu nunca leio o que escrevem os meus e peço..." — "Têm V. razão em não deixar embair pelos conceitos de público. Escrevendo só um Fausto depois do outro poderiam joga-lo arrasante." — "Meu Fausto vai ser muito diferente, o contrário do que V. conhece. No meu é Mefistófeles quem age, e Fausto é conduzido. Meu d'abro não é uma negação, é um princípio positivo. Meu Fausto é um professor de Goettinger que, graças à sua ciência aborreça os outros e se aborreça a si mesmo. O diabo, como estudante, segue o seu curso e fax-lhe da vida mundana tão sedutoras descrições que o professor, por fim, deixa a cidade e sai a viajar com ele. O Senhor não entra em cena, mas os anjos dão as temporadas, uns chás a que assiste o diabo e onde se discute o destino do professor." Duran-

Cabe de justiça à nossa Poesia de agora o reparo crítico de cultivar quase exclusivamente o soneto, com esquecimento ou desamor das muitas formas de composição. Na variedade dos gêneros ou meios de manifestar-se reside boa parte do prestígio da arte do verso. Onde todos cantam prolongadamente na mesma toada, não é de estranhar que a audição se enfaste e canse.

Dir-se-ia que por breve o soneto, todos o podem fazer, porque a todos para isso há ensinhas no tempo. Apenas quatorze versos, — uma diversão ou brinco inocente, com o entretenimento das adivinhas ou charadas, sem prejuízo das ocupações sérias que requerem estudo e reflexão. Assim que, por mais atarefadas que lhes corram as horas, sempre haverá de haver a todos os sonetadores um belo momento, um fugaz instante de lazer para este recreiozinho espiritual.

Se no verdadeiro poeta é artista, sonhador febril da perfeição que no imagina e exerce, todo tempo lhe vem escasso para lapidar com desvelo este jônio rara, e quando, trespassante ainda de compridas vigílias, a desentona de si mesmo e a outeiro aos olhos de outrem, engastando-a em jornais ou em livros, ainda assim, raro está satisfeita com o seu trabalho.

E que o soneto, — vimbra haja aí quem os faça as grossas e come num repente, — exige, sobre a de concepção, capacidade não vulgar de paciência e labor. Que o diga a moço que escreve os "Trotius", esse cuja existência se consumiu quase inteira em aprimorar a coleção deles, que todos admiram e onde de um se sabe com o qual em o afeitar e por lá viu Heredia transcorrer um degénio. Um dos melhores cultores do gênero no século XVI, Diogo Bermudes, tão exímio que se confundiam alguns de seus travilhos com outros de Luiz de Camões, confessava que já era iluso e ainda não lhe acertara bem com a mão:

"Eu, senhor, já podia ter bisnetos,
Depois que dominei a lira,
E ainda nem nasci nos sonetos."

Sempre foi tido este gênero como um dos mais difíceis de Poesia, sendo por isso relativamente insignificante o número dos sonetos sem mérito, ou que, no dizer de Desprezaux, valem por si só um grande poema. A perfeição dentro de espaço tão limitado e raramente atingida e houve até quem duvidasse o possa ser algum dia. Este foi Antoine Godard, ou como o apelidaram por sua exigua estatura: "o anão da princesa Julia", Juste Lhéry de Vence e não menos ilustre poeta. Achava ele que o reino do soneto não é deste mundo, o que levou Charles Asselineau a conceituar que quanto a sonetos o reverendo preíado era ateu.

Originariamente com o nome de *son d'amour* ou *sonet* aforara espontânea e tecil esta composição aos hábitos de trovadores e trouvères, nas inquias d'oc e d'oil. Muitas de Itália aperfeiçoaram-na, sujeitando-a à travio regular de consonâncias e disposição que lhe conhecemos, levemente modificada mais tarde pelos poetas do Pleiad, vindos a afeitar-se-lhe assim de modo a leitura que o levava a cabo, sem ofensa ou transgredição das regras prescritas, ficou sendo privilégio exclusivo dos espíritos verdadeiramente "alumados de Apolo". Fora "o céu bizarro" que segundo Boleam, declarava tais principios (terribilis lhes chama o Conde de Ericeira em sua horrível tradução de Arte poética), afim de agir aí onde podia ir o canto na paciência humana dos rimadores.

Segundo Manoel da Fonseca Borralho, de nome extravagante, em seu livro não menos extravagante de título, *Luzes da roesta descuberta no Oriente de Apolo*, consta o soneto de iorana clássica, de quatorze versos grandes (que este é só propriamente soneto), dispostos em dois quartetos e dois tercetos de tal sorte que os dois quartetos levam a mesma consonância e os dois tercetos também a mesma consonância, mas diferentes dos quartetos, com tal regra que não leve mal que um só conceito (nem pode admitir mais) dirigido em forma de um silogismo; coulhem a saber: no primeiro quarteto a maior, e no segundo a menor, e nos terceiros a consequência, ou nos dois quartetos a maior, e no primeiro terceito a menor, e no segundo terceito a consequência, que vai o mesmo que propor no primeiro quarteto, ou em ambos, e no segundo quarteto, ou primeiro terceito a maior, e nos dois tercetos, ou no segundo a menor; por maneira que se hão de guardar para o fim os melhores consoantes, e hão de ir tão deduzidos os pés com a cabeça, que seja tudo a menor causa, e por tal ordem, e com tão revelante espírito como disse um descretor: que há o soneto de abrissos com chave de prata, e fechar-se com chave de ouro", conceito que Faria e Souza expressou por outras palavras, dizendo em comentário de Camões, que o soneto é como a carreira de um bom cavaleiro, no qual se olha mais o patiar, que o partir, e o correr.

Os consoantes travam-se na seguinte disposição, conforme traços do mesmo Borralho:

QUARTETOS

1°	a
.....	b
.....	b
.....	a

TERCETOS

1°	c
.....	d
.....	c

2°	d
.....	e
.....	d

OU

1°	c
.....	d
.....	c

Era este o molde a que se devia singrar a inspiração dos poetas: em círculo tão estreito e com tão severa disciplina tinha de encerrar-se-lhes o coração com todas as suas paixões. E, não

...

(Continua na página seguinte)

SONETO

De Gregório de Matos

Alberto de

obstante, novas dificuldades se engenham, novas formas se criam, algumas inaplicáveis; inventam-se e põem-se por obra roncas, — terceados, contínuos, encadeados, retrógrados, com repeticão, com rota ou estrambote, bilíngues, trilingues ou poliglóticos (como um de Gongora, escrito em castelhano, latim, português e ainda acrósticos e teléscicos e em labirinto, talvez). Aqui está uma dessas complicadíssimas criações, que ao lado de outras semelhantes, vem no Vocabulário de Bluteau, de onde facilmente a transcrevo com os dizeres que a precedem:

SONETO PROTEO, EM LABIRINTO

RETROGRADO, TERCADO, CONTÍNUO, TIRADO DOS ENFATÍOS APPLAUSOS QUE COMPRE, FRANCISCO DE SOUSA ALMADA DE OBSEQUIO AO DEQUE DE BANHOS, ALIAS DE AVEIRO

METRO VII ASSUNTO V.

O QUAL É DAR-SE A SENTENÇA EM UM SABADO, QUE FOI A 17 DE FEVEREIRO DE 1726

Aurora, Estrela, Sol, Esposa, Astro, Bem, Sephora, Flores, Confusão singular,	Nectar, sustento, Segura, nota, Socorro, amparo;
Tulipa, Cerejeira, Bonaca, Candor, Luz, Valelora, Cera, Bem, Alamea, superior,	Aba, Alegria, Suave, alegria, Segura, vita, Facil, amparo;
Defensora, Ida, paz, Segurança, Rau, Mar, Pandora, Virginal,	Apta, Harmonia, Dore, conuento, Serra, valia;
Alamea, prazer, Dom, Exosa, Ida, Mar, Alamea, ou Dom, fum.	Contento, alegria, Glorioso, Dão, Dá, vencimento.

"Por qualquer verso dos quatorze por onde se queira começar a ler — adverte o vocabulário — forma soneto, é sentido poético (?)". Está dividido em duas linhas, e também por cada uma delas faz dois gêneros de sonetos mudos, um de seis silabas na primeira linha, começando a ter-se das últimas palavras retrogradamente; outro de cinco silabas, lendo-se progressivamente em sequência. E lendo-se inteiro o soneto heróico, se pode rever a ler, quando for retrogrado, tanto da última palavra como da penultima. Contém este soneto oitenta e sete mil cento e setenta e oito milhares, duzentas e noventa e uma mil e duzentas combinações, e outros tantos sonetos, em que se transfigura, conforme a regra aritmética combinatória".

Quanto ao esforço e paciência perdidos em compor celas assim emaranhadas e inuteis, mero jogo de palavras, sem uso de inspiração ou de poesia! Era a decadência do gênero em um novo gênero de extravagâncias que se criava aqui como em tudo o mais no domínio das letras.

Esta polimoria sonetária coincide com os altos quinhões de estilo culto, mais ou menos na mesma época. Era o tempo, como bem o descreve Camilo Castelo Branco, "dos equívocos, dos tradições, do marinismo, dos conceitos, hipérboles rabelianas, do estilo pompadour, consonâncias de cláusulas, homônimas, jogos de vocabulário, hipóteses, do gongorismo, enfim, que se havia com uma docura insidiosa infiltrado nos mais primorosos engenhos, sem exceção do padre Antônio Vieira e de Júlio Freire".

A musa de Gregorio de Matos accordou nesse meio assim: criado, achou a língua e a poética contagadas do morbo geral e empêcadadas em tais afeites ridículos. Não consta houvesse contra o mau gosto de então apontado nenhum dos farpões de sua sátria, antes parece se comprazeu de algum modo com ele, a julgar da sua ténacia e estilo.

É mestre de Gregorio, o mestre de quem traduz e parafraseia, não poucos versos, o castelhano Francisco de Quevedo Villegas. Pouco soneteou, segundo o que até ao presente se consta de seus escritos na maior parte indevidos e entre os quais, no dizer do licenciado Rabelo, não devem ser poucos os "rancorinhos de viboras".

Abro a conferência com o satírico balano por ser ele figura representativa e porque de M. Botelho de Oliveira e mais um eu outro contemporâneo nada existe digno de ser lembrado na matéria que nos ocupa.

Dos sonetos do Boco de inferno que correm impressos, transcrevemos o seguinte citado por José Maria da C. e Silva no Ensaio biográfico crítico:

A CERTA FREIRA

QUE LHE PREGUNTOU COMO HAVIA PASSADO

Aquele não sei que, que, Irené, te assiste
No gentil corpo, na graciosa face,
Não sei de onde te nasceu, ou não te nasceu,
Não sei em que convive, ou não convive.

Não sei como andas under me vista,
Porque — feste de amor — me exterminas,
Não sei como brilhaste, ou não brilhaste,
Não sei como persistes, ou não persistes.

Não sei como me vês, ou como vês,
Não sei a que me dão, ou por que dão,
Não sei — vou vivendo, ou acabando;

Como topo sou mal hei-de contar-te,
Se de quanto malh'ânia está passando,
Eu mesmo, que o paixão, nem sei?

Longo está de ser trabalho perfeito, nem os tem Gregorio de Matos em seu gosto poético, mas é característico da teoria castelhana, que nele influiu e até lhe fez no segundo quarteto responder com uma rima toante às consonâncias ou verdades.

Da escola baliana à mineira, o soneto se não despe das roupagens clássicas — e é certo ainda para fazê-lo — aspira à que lhe faltava intensidade de sentimento e sujeitividade literária, maior dos da sua pléiade e maior da língua em todo o espaço, aberto entre Canções e Dogeze. Em Coimbra, onde curta a Universidade, e em 1708 foram impressas as suas *Obras poéticas*, aprendeu todos os segredos de manejá-las formosamente.

BRASILEIRO

a Raimundo Correia

Oliveira

detalhada composição. "Os mestres e modelos de Cláudio — diz o meu mestre e amigo João Ribeiro, dando-lhe edição nova e rica de notas e documentos — são os dos arcades: Virgílio, Ovídio, Tiroto e Musca, Quevedo, Metastasio e Petrarca". Os cem sonetos postos como primeira parte das *Obras revelam-lhe* gosto apurado com a lição destes autores, do último subtendido que não é mais diretamente influiu. Se algum reparo se lhes pode fazer, é bem feito — é quanto à monotonia de assuntos respondendo a pouca diversidade de temas, o acentuando cunho lugubre, com as suas sequências de ninhas, pastores, rebanhos, casais, sanfonas, salgueiros e faias. Isso, porém, não significa que Cláudio ausentia de amor patrio. Era o influjo ou ação do meio onde se lhe educara o estilo poético e que ele saudoso retenha. "A desconsolação — explica-se — de não poder subestimá-lo aqui (em Vila Rica, quando uso escrevia) as delícias do Tejo e do Líbano e do Mondego, me fez entregar o engenho dentro do meu berço; mas nadia bastou para deixar de confessar a seu despolio a maior paixão. Esta me persuadiu a invocar muitas vezes, e a escrever a Fábula do Ribeirão do Carmo, rio o mais rico desta Capitania, que corre e dava o nome à cidade Minas, minha pátria, quando era vila".

A linguagem de Cláudio Manuel da Costa é pura, destinada, das viés ainda relântias nessa época. O verso flue-lhe geralmente bem medido e espontâneo. É um dos melhores especimes de seu poeta:

Nizet! Nizet! onde estás? Aonde espeta
Achar-te um alma que por ti suspira.
Se quanto a vista te dista e gira,
Tanta mais de encontrar-te desespera

Ah! se ao mundo tiv me ouvir pudera
Entre esta aura suave, que respira;
Nizet, cuide que diz, mas é mentira;
Nizet, cuide que ouvi, e tal não era.

Gratas, tempos, pernambucos da espessura,
Se o meu bem, se a minha alma em vés se esconde,
Mostra, mostrai-me a sua formesura.

Nem ao menos o céu me respondei;
Ah! como é certa a minha desventura;
Nizet! Nizet! onde estás? donde? donde?

Em Gonzaga, os dois Alvarengas, Basílio da Gama e Caldas Barbosa não se modificaram o modelo clássico do soneto nem em nenhum sobreleva este em beleza quanto aos dos autores da Fábula do Ribeirão do Carmo; são, entretanto, felizes pelo lado da forma e conceito. Estrela e Nize e Aléia do fluminense Alvarenga Peixoto. A qualquer deles preferimos, porém, o seguinte de José Basílio da Gama, que do remonte épico onde concebeu o Uruguai, não se desliga de as vezes baixar a colher, segundo uma expressão do leitor: "Mimosas flores nos Jardins da Arcádia".

Já, Marília cruel, me não matrata
Saber que usas comigo de castelhas,
Queinda te espero ver, por causa delas
Arrependida de ter sido ingrata.

Com o tempo, que tudo desbarata,
Tudo lhe desbarata das seu castelhas;
Veras mordidas no rosto as das beiras,
E as frances de ouro converter-te em prata

Pois se sabes que a tua formosura
Por força há-de sofrer da mão das danas.
Por que me negas hoje tal ventura?

Guarda para seu tempo os desconsolos,
Gozmos-nos agora, enquanto dura.
Já que dura tão pouco a flor dos anos

Destas "mimosas flores" — cumpre retificar — entremearam, às do cantor de Lindóia uma colhida no jardim gongórico de Antônio Rodrigues de Matos, a qual com o nome deste autor veio inédita na *Fenix renascida*, volume V, ano de 1728. Basta esta data para evidenciar que Basílio da Gama, nascido em 1741, não podia ter escrito os versos:

Alegre pintasinha, flor vivente,
Não cantei, bisongela um desgracado;
Brave festeirinha, alma do prado.
Nas cortas, acompanha um descontento.

Veja que entre essas ramos viventes
Festivo sombra de morte triste fado;
Juiz que entre essas penhas, sem cuidado,
Murmura rindo de que pena acento.

Mas já que corres livre, sem demoras
Bate essas alas, acelera o passo;
Vai ligeira saber de um bem que adora;

E se queres chegar em breves horas,
Vida com estas penas, que aqui passo;
Corre com estas aguas, que aqui chor.

Seria enfadonho, sobre nada adiantar ao nosso estudo, citar ou recitar, na fase de transição da escola mineira à romântica, um ou mais centos de sonetos que aqui e ali aparecem, alguns sentimentais ou elegíacos, outros patrióticos, quais genitiliários ou epítalâmicos, quais laudatórios, quase todos insignificativos ou de momentânea vogar em seu tempo. Na maioria deles, quando não se repetem os temas, reeditam-se os tropos e frases, tornados lugares comuns. Nada de tudo isso interessa à história da evolução do soneto, e é justo deixe de mão, como se pode dispensar a beleza da espiga, ressaltada brillante ao sol, o folhelho que se lhe apega ressequido e inútil. Assim, não me deterei citando-vos Natividade Saldanha, Elói Ottoni, Pereira Caldas, o velho José Bonifácio, Frei Bastos, Januário Barbosa, outros. Nenhum destes se distingue com sonetista. Um, entretanto, desse período de transição, Tenreiro Aranha, ainda hoje é lembrado, graças não a tanto a mais das *Obras literárias* publicadas por seu filho em 1893, mas apenas a uns versos feitos — repito-lhes os dizeres — A mameleira Maria Barbára, mulher de um soldado, cruelmente assassinada no caminho da Fazenda do Marco, perto da cidade de Belém, porque preferia a morte à mancha de infiel ao seu esposo. Assim fala a mameleira Lúcrecia:

Se aviso aqui reparar combinhante,
Meu frão corpo já cadastor fado;
Leva piedade, cum pentito, asperte
Esta nova ao esposo alito e errante.

Diz-lhe soma de força penetrante,
Me viste, por fiel, avivado o peito.
Lacerado, insqueiro, e já suelta
O tronco feio ao corvo atoleiro.

Que de um monstro inumano — lhe declara —
A mão cruel me trata danta sorte;
Porem que alívio busque à dor amar.

Lembrando-se que teve uma consorte
Que por hora de que lhe Jucava
A' mancha conjugal preferia a morte

Também de tudo o mais de Maciel Monteiro, reunido em volume, em 1905, por Alfredo de Carvalho e Regueira Costa, só o soneto Formosa o popularizou. Não é obra nem sendes, mas vale por qualidades então não vulgares de ritmo e de emulação lírica:

Formosa, qual pincel em tela fina
Debuscas juntas põe ou nunca escuras;
Formosa, qual jamais desabrocha;

Na primavera a ress. purpura;

Formosa, qual se a própria noite divina
Lie alustros e contorno e forma rara;
Formosa, qual jamais no céu brilhara;

Atuso gentil estrela peregrina;

Formosa, qual se a natureza e a arte
Juntas as mãos em suas dons, em suas lavoas;

Juntas soube unir no todo a parte;

Mother, celeste, à noite de primor;
Quem pode ver-te, sem querer amar-te?
Quem pode amar-te, sem morrer de amores?

Mas já entramos em outro período de nossas letras.

O Romantismo, se não prossereva de todo o soneto, repeliu-o, por assim dizer, até as fronteiras. Um ou outro dos relegados se aventurava ainda, ao regresso, mas tendo de aparecer em público, era como pálido e receloso, e não acompanhando com outro, as decúrias ou centúrias, como no bom tempo. Seus dias de triunfos e aplausos nas cortes, festins, cenáculos ou academias pareciam positivamente passados. Aqui, como em França, só de longe em longe, os vemos praticados. Em França, na melhor da floração literária do alvor do último século, conhecê-se um de Hugo, nenhum de Lamartine, pouquíssimos de Alfredo de Mazarat. Por sua vez, em Portugal, não os fez Alexandre Herculano e nem excedem de dez ou doze os deixados por Almeida Garrett e Castilho e os quais, se não desluzem, também em nada acrescentam à glória dos seus autores.

Entre nós contam-se dois, ambos sem distinção, de D. J. Gonçalves de Magalhães, nenhum de Porto Alegre. Não os encontrei nas *Primaveras* de Casimiro de Abreu, nem nas *Sonbras e sonhos* de Teixeira de Melo, nem nos *Cantos*, primeiros, segundos, novas e últimas de G. Dias, nem nas *Inpirações do clérigo de Junqueira Freire*. De Varella, sabe-se de três ou quatro que passam despercebidos entre as páginas das *Vozes da América* e *Cantos do ermo e da cidade*; de Laurindo Rabelo, apontam-se dois ou três; nenhum de Bruno Seabra; nenhum de Melo Morais...

Assim, nesse decurso de mais de trinta anos das letras brasileiras, mal reporta ou abrolha o soneto e se o vemos florar, é geralmente entrânguido e lânguido. Quase que só duas únicas produções deste caráter logram ver-se estimadas: o *Morrer... dormir... sonhar?* de Francisco Otaviano, lembrando o monólogo de Hamlet, e este anseio voluptuoso das vinte anos de Alvaro de Azevedo, a nota mais ardente da nossa poesia romântica, ou consolante conceito de Machado de Assis: "mistura delicada de azares das formas com a unção do sentimento".

Palida, à luz da Marapata sombria,
Sobre a leito de flores recinlada;

Carne a lata por noite embriagara.

Ente as nuvens do amor ela dormia.

Era a virgem do mar, na encena fria

Pela maré das águas embalada;

Era um anjo, entre nuvens de alvorada,

Que em sambos se banhava e se suscava.

Era mais bela o sol palpitando...

Negros olhos as nápobras abrianda...

Formosa ruas na leito resvalanda...

Não te rias de mim, meu anjo linda!

Por ti — as noites eu velas, encantado;

Por ti — as noites morrer, currindo!

Não me esqueceu Castro Alves. Ele é dos últimos dias do grande período da poesia nacional e tenho que nos sonetos e em mais algumas páginas presentiá a transformação por que em breve teriam de passar nossas letras.

As espumas flutuantes são de 1870, antecedem apenas de um ano as *Miniaturas* de Gonçalves Crespo, mas quais viu José Veríssimo "a primeira manifestação da poesia parnasiana no Brasil". Desse ano de 1870 vem datada nas Espumas a série de sonetos intitulados *Os anjos da meia-noite*. Confrontem-se estes versos em sua arte e estilo com alguns das *Miniaturas* e ver-se-á na semelhança, fácil de reconhecer, de uns e outros, como o espírito do moço balanço ia em evolução das formas poldas do romântismo para as novas formas de cunho artístico mais leve e delicado da poesia parnasiana. A semelhança é tal que o soneto N. H. de Gonçalves Crespo poderia incluir-se como uma nova sombra entre as daquelas *Anjos da meia-noite*: Marieta, Barbora, Ester, Fabiola, etc.

Leiamos duas destas composições:

BARBORA

Enquanto a calix, que exre, perfume,
Loura a franca, abstrando-lhe os joelhos,

Dentes alvos em labios tão vermelhos,

Como bolando em purpura espuma;

Um dorso de Walkira... alva de bruma

Própriação pés nos infantis arcoílos,

Olhos vivos, tão vivos como espelhos,

Mas, como elas, também sem chama alguma;

Garante de um palo, alabastina,

Que harmoniza, e misticas respira...

No labio — um beijo... no beijo — um fino;

Harpia colla, a esperar que o vento a fira.

— Um pedaço de marmore divino...

E' o retrato de Barbora... a Barbora.

(Continua na página seguinte)

ENCONTRO EM WEIMAR

(Continuado da página anterior)

te mais de meia hora o estudante prosseguiu no desenvolvimento de sua tragédia. De repente calou-se e, medialivo, despediu-se, às pressas, do companheiro. Bem verdade é que ele gracejava. Mas, se ele se metesse, eriamente, a trabalhar...

Em Weimar, diante do casarão no Frauenplan, o moço hesita alguns instantes. Depois cobra coragem, faz soar o timpano. O poeta deixou-o a esperar. Relê a carta, a um tempo tímida e insolente, que recebera dias antes. "Estudante de Goettingen... excursões às montanhas... fatos sovados... peregrinações a Weimar... bejar a mão a Sua Exceléncia... também eu sou poeta..." Lembrando os dois livros cujo recebimento não acusara: "Poesias" cheias de inspiração; "Tragédias" menos felizes. Mas ele vem de Goettingen. É curioso. Que é que ali pensam de sua "Doutrina das cores", de sua "Metamorfose das plantas"?

Heine penetra na sala de visitas, firmemente resolvido a não se deixar vencer de coisa alguma. Acha-se a sóis com o busto colosso de Júlio.

Por fim o poeta se deixa ver. Heine fica decepcionado: Júlio é mais baixo e mais gordo do que ele supunha. Verdade é que os olhos, aqueles olhos grandes que tem chispas divinas o deixam a seu tanto intildado. E aquela boca, aquela fronte... De que irá falar-lhe? Das ameixas suculentas da estrada entre Jeni e Weimar?

Por Fausto? Um e outro assunto são sem cabimento. O poeta é livre do embarço. Faz-lhe numerosas perguntas acerca dos professores de Goettingen, acerca, principalmente, dos naturalistas, todos seus conhecidos. Quer informar-se dos métodos de ensino, dos livros adotados, das relações entre professores e alunos. Aparentemente, Sua Exceléncia quer preencher as lacunas dos seus conhecimentos. Heine se recorda de uma outra palestra, que tornara à conta de troca, entre o poeta e um de seus fervorosos admiradores e que, em função suplementar, era diretor dos bombeiros de sua cidade. Durante meia hora o poeta interrogava sobre as medidas a tomar em caso de grande, médio e pequeno incêndio.

Aborrecido, Heine recorreu a respostas monossílabicas impregnadas de censura. O poeta não o notou. Por fim interrompeu-se: "De que vos ocupais por agora?" A resposta não tardou: "De um Fausto". O poeta fitou-o achando-lhe graça. Acabava de receber uma carta de um outro estudante que lhe pedia o plano da segunda parte do Fausto, intencionado a terminar a tragédia. "E não tenho outros negócios em Weimar?" "Ao transpor a soleira da casa de Vossa Exceléncia, terminaram todos os meus negócios em Weimar."

Heine saiu. O poeta retirou-se para o seu gabinete de trabalho. O secretário entrou. "Eckermann, V. viu esse moço? Tem o que quer que seja de espiritual, que não me desagrada, e algo de arrogante, que me repugna. Espero que, ao envelhecer, não conserve as vezes da mocidade. A velhice tem, já, de seu, muitos defeitos. Tem talento e não o ignora. Imagine lá o que estará ele a pensar durante o almoço na hospedaria? Este grande Goethe, com seu Werther, seu Fausto e suas Obras Completas, não poderá obstar a que, um dia, ao lado do seu nome, o mundo ponha o de — como se chama ele? (Goethe espôs o título do volume que estava em sua escrivaninha) — o nome de H. Heine."

Goethe sentou-se à mesa, abriu seu caminheiro e escreveu com mão firme: "2 de outubro, 1834, Heine, de Goettingen".

Experiência de amor — D. Milano

Há algumas pessoas que desabham do amor e da poesia. "De amor", como se acaso houvesse outra espécie de poesia, como se não fosse o amor, o espírito e a carne da vida.

Enquanto assim alguns erradamente pensam, outros andam por aí perdidos numa infâmia, simeios a tudo o mais, como mortes em vida, e vivendo, comem o que os mortes vivem, numa atmosfera superior, isentos já do julgamento dos homens, tocados daqueles belezas pétrea, que só as grandes tragédias atingem. Longe do real, de temido.

"Romeu! paixão! capricho! louco! amante!"

(Shakespeare)

Para curar o mal de amor, — enquanto a ciência não conseguir filtrar o vírus — descobrir o específico que seria por certo a maior descoberta do século — nada mais eficaz que alguma conselhos e máximas que andei cogitando nos livros da sabedoria universal, para consolo próprio; executando naturalmente alguns remédios extremos como o suicídio, que é a maior tentação dos amantes que atingem as raízes da paixão, o desejo se queso de matar e assim acabar com tudo, numa putrefação sangrenta e amorosa, ou a renúncia, a mortificação, o despojo calado que procura recorrer a um convento para ali poder sofrer sozinho e em paz, sem falar na possibilidade de um ataque de loucura, que é também um digno final.

Quanto às máximas, de que, por experiência própria, obviamente generosas e calmantes, seu principal valor é o de nos ensinar a reconhecer a natureza do próprio sentimento, revirar o estranho prazer que há na profundezas dessa dor que é preciso saber sentir, fazendo-nos compreender enfim que o amor é uma exaltação dos sentidos, uma transfiguração do eu, uma metamorfose poética do indivíduo em outro. Transforma-se o mundo na coisa amada, por virtude de muito imaginário", diz Camões. Amar é aprisionar em nosso pensamento uma ideia que em vão se esforça por libertar-se, é transformar em ente humano em imagem da nossa fantasia, vítima sem culpa que perseguimos e astormentamos com o nosso egoísmo e a nossa paixão impiedosa. Lembro-me que certa vez reservei uma carta a alguém, que principiava assim: "Eu me apaixonei por uma ideia, a de que eras pura..."

Depois, mais calmo, aprende com o divino Camões:

"Se nela está minha alma transformada, que mais deseja o corpo de ilusão?"

Até aqui, a poesia do amor, — aproximação do crime, da loucura, da morte. — que respira, como todo grande poema, uma atmosfera de felicidade trágica. Daqui por diante tratemos da arte e ciência do amor. Citei primeiro, de Stendhal, algumas fórmulas cruéis, que podem matar o amor, porém sua finalidade é ensinar a comedê-lo e dominá-lo, sem entretanto deixar de gozar os extraordinários prazeres, a dor feliz dessa "maladie de l'amour". Atentai na transformação que se opera no ser atacado do mal de amor, segundo Stendhal: "Do momento em que amo, o homem, por mais sábio, não ve mais nenhum objeto 'ta, como é'. — 'E' certo que uma alma que luta entre incertezas mortais sente que nunca é necessidade de um amigo; mas para um amante não existe amigo'". Já vemos que o amoroso tem de lutar sozinho e precisa preparar-se para o combate. Vede entretanto o estudo contraditório em que ele se encontra: "Em amor, duvida-se constantemente aquilo em que mais se crê".

Atentai agora no seguinte: que lembrar uma crassas grandes tragédias que veem às vezes relatadas em poucas linhas ao canto de um jornal: "Um homem encontra uma mulher, cuja feura o choca mas foge; se ela é desprezada, seu resto faz esquecer os traços imperfeitos; ele se admite a possibilidade de amá-la; isto dias depois, sente esperanças, oito dias depois, está feito louco".

Tratando do tímido, inseparável do amor, Stendhal avverte: "Em tal estado o fútor nasce facilmente; o indivíduo esque-

cita se acaba de ser amaldiçoado por uma divina. Mas se foi por si tornado com uma tenacidade de que se julga indigno. Este é o sinal do amor. Se o sujeito não se julga indigno, é porque não ama. Conheci um apaixonado que só sabia dizer: 'Eu não mereço... Eu não mereço...'".

Mas deixemos falar em primeiro e sábio Salomon:

"Eu durmo, mas o meu coração vela".

Vés? Ja o seu sentimento rompe a se tocar de beleza. Já se torna mais fácil de suportar. Pensa agora no brilho, desespero da boca anelosa que não encontra a expressão da palavra, e a que até hoje só um poeta conseguiu trazê-la e balbuciente espasmado, num verso trágico:

"La bocca mi bacio tutto tranne".

Relê em Vergílio os infelizes amores de uma rainha: "Dido arde de amor. A canha pressenca a traição: quem poderá ganhar o amor da rainha?" — "Avente, eu como uma Fúria te perseguirei com negros fachos; e quando a Fúria morte separar-me do corpo a alma, minha sombra te acompanhará por toda a parte". — "Amor, a que não obriga o coração dos mortais?" — "Se algum justo Deus existe, protetor dos que amam sem ser correspondidos, a essa ele se entrega". — "Morre, pois que assim o mereceste, e pelo ferro liberta-te da dor!"

Ja vés que não é o único a sofrer. Olhe agora o desespero de Catulo: "Amo, e morro".

Quando te sentires bem desgracado, pensa nas palavras de Homero: "O homem é mais infeliz se todos os setes que respiram, ou rastejam sobre a terra".

Depois, mais calmo, aprende com o divino Camões:

"Se nela está minha alma transformada, que mais deseja o corpo de ilusão?"

Até aqui, a poesia do amor, — aproximação do crime, da loucura, da morte. — que respira, como todo grande poema, uma atmosfera de felicidade trágica. Daqui por diante tratemos da arte e ciência do amor. Citei primeiro, de Stendhal, algumas fórmulas cruéis, que podem matar o amor, porém sua finalidade é ensinar a comedê-lo e dominá-lo, sem entretanto deixar de gozar os extraordinários prazeres, a dor feliz dessa "maladie de l'amour". Atentai na transformação que se opera no ser atacado do mal de amor, segundo Stendhal: "Do momento em que amo, o homem, por mais sábio, não ve mais nenhum objeto 'ta, como é'. — 'E' certo que uma alma que luta entre incertezas mortais sente que nunca é necessidade de um amigo; mas para um amante não existe amigo'". Já vemos que o amoroso tem de lutar sozinho e precisa preparar-se para o combate. Vede entretanto o estudo contraditório em que ele se encontra: "Em amor, duvida-se constantemente aquilo em que mais se crê".

Atentai agora no seguinte: que lembrar uma crassas grandes tragédias que veem às vezes relatadas em poucas linhas ao canto de um jornal: "Um homem encontra uma mulher, cuja feura o choca mas foge; se ela é desprezada, seu resto faz esquecer os traços imperfeitos; ele se admite a possibilidade de amá-la; isto dias depois, sente esperanças, oito dias depois, está feito louco".

Tratando do tímido, inseparável do amor, Stendhal avverte: "Em tal estado o fútor nasce facilmente; o indivíduo esque-

ce que em amor — é tudo — exagera a importância da felicidade do rival e chega no círculo do tormento, isto é, à extrema infelicidade, envenenada ainda por um resto de esperança. O essencial é aparente: calma. A leitura de "O" e proporção, trazendo um belo trecho de mar e consolador".

Toda a atenção agora. Aprendei os grandes segredos de amor: "Ela te deixa, por estar muito segura de ti. Inquiete-a. Evita sobretudo o acordo das recriminações. Bebe champanha em rodas alegres. O brinquedo, remédio cruel e soberano". Sobre o que "não acreditam no amor", moda que está querendo pegar em nossa terra. "Nos Estados Unidos está tão arraigado o 'habito da razão', que a 'crystalização' se tornou ali impossível. Admire essa felicidade, mas não a inveje: é como a felicidade de se ser de uma espécie diferente e inferior". Ao contrário disto, ouvi: "Sahid, filho de Agba, perguntou um dia a um sábio: De que país és tu?"

— Sou de um país, onde se morre quando se ama, respondeu o sábio. — "Dido arde de amor. A canha pressenca a traição: quem poderá ganhar o amor da rainha?" — "Avente, eu como uma Fúria te perseguirei com negros fachos; e quando a Fúria morte separar-me do corpo a alma, minha sombra te acompanhará por toda a parte". — "Amor, a que não obriga o coração dos mortais?" — "Se algum justo Deus existe, protetor dos que amam sem ser correspondidos, a essa ele se entrega". — "Morre, pois que assim o mereceste, e pelo ferro liberta-te da dor!"

Ja vés que não é o único a sofrer. Olhe agora o desespero de Catulo: "Amo, e morro".

Quando te sentires bem desgracado, pensa nas palavras de Homero: "O homem é mais infeliz se todos os setes que respiram, ou rastejam sobre a terra".

Depois, mais calmo, aprende com o divino Camões:

"Se nela está minha alma transformada, que mais deseja o corpo de ilusão?"

Até aqui, a poesia do amor, — aproximação do crime, da loucura, da morte. — que respira, como todo grande poema, uma atmosfera de felicidade trágica. Daqui por diante tratemos da arte e ciência do amor. Citei primeiro, de Stendhal, algumas fórmulas cruéis, que podem matar o amor, porém sua finalidade é ensinar a comedê-lo e dominá-lo, sem entretanto deixar de gozar os extraordinários prazeres, a dor feliz dessa "maladie de l'amour". Atentai na transformação que se opera no ser atacado do mal de amor, segundo Stendhal: "Do momento em que amo, o homem, por mais sábio, não ve mais nenhum objeto 'ta, como é'. — 'E' certo que uma alma que luta entre incertezas mortais sente que nunca é necessidade de um amigo; mas para um amante não existe amigo'". Já vemos que o amoroso tem de lutar sozinho e precisa preparar-se para o combate. Vede entretanto o estudo contraditório em que ele se encontra: "Em amor, duvida-se constantemente aquilo em que mais se crê".

Atentai agora no seguinte: que lembrar uma crassas grandes tragédias que veem às vezes relatadas em poucas linhas ao canto de um jornal: "Um homem encontra uma mulher, cuja feura o choca mas foge; se ela é desprezada, seu resto faz esquecer os traços imperfeitos; ele se admite a possibilidade de amá-la; isto dias depois, sente esperanças, oito dias depois, está feito louco".

Tratando do tímido, inseparável do amor, Stendhal avverte: "Em tal estado o fútor nasce facilmente; o indivíduo esque-

O SONETO

(Continuação da página anterior)

ESTER

Vem no teu peito chilido e brilhante
O norte oriental melhor transpira...
Barulhante na longa encosta.
Come as judias moles do Levante.

Aliás a climação aos ventos-magistrados...
Tinindo o céu azul e o solto o gira...
O Muse de Israel pega da terra...
Canta os maridos de seu pevo errante.

Mas não... beira da patina alegre revoa
E o deslumbrar-lhe o brago de alabastro...
Palmeira de parto... e parte... e vez...
Quai não vague marinheiros desce um astro...
Linda Esther seu perfil se assala... ve...
Se me veda um perfume... um canto... um rastro...

Agora a Gonçalves Crespo:

N. H.

Tu não és de Romeo a doce amanha,
A triste Juíza que suspira,
Sólo o cabelo nos ventos ondula,
Inquietas cordas de suspensa lira.

Não és Ofélia, a virgem loquente,
Que no horizonte jardim virga e delira
E levada nos águas flutuante,
Com o sonho de amar que cedo expira.

Se a estúpida de mámora de rosa,
Goliatte acordando voluptuosa
De prego artista se foge de mil belos...
E a Reginha que desmaiou.

E a Hélade nos céucos da prata...
Fosse eu o Dom João dos teus despos.

Não hesito em incluir Gonçalves Crespo entre os nossos poetas, embora passasse quase toda a sua vida em Portugal onde seu sorrão carinhoso e de todos foi considerado querido. Sem embargo de afastado de nós não se desnacionalizou seu espírito; em muitos dos seus escritos, talvez os mais belos ou os mais sensíveis, está e responde a alma da terra que o viu nascer. Enquanto ao esmero da forma e partes do estilo, apesar de mais um dos seus sonetos, em que se vê quanto já com ele se havia aprimorado a elocução desse gênero.

ODOR DE FEMINA

Era austero e sôbrio; não havia
Fazia nenhuma exemplar nesse convite;
Um seu cavalo costava inacreditável
Um poema de leituras se hia.

Una vez que na extensa várzea
Babilônia e triste horro perturbado,
Vim-nos desmanhar, cur de assento
Convulso e torpe sobre a áspera lira.

De que mortura o venerável fundo?
Em voo busco a origem da venuza,
Ninguém mal desse explicar quem puder.

Conta que um bibliófilo comprara
O livro estranho e que, ao abri-lo, achara
Um deusourados cabos de malhar...

Em 1880 foi estampada a edição elzeviriana dos Sonetos e rimas de Luis Guimaraes Junior. Nesse ano, recém-chegado da Europa, onde largo tempo se demorou, na avenida de todos ver e saber, Artur de Oliveira, nas rodas literárias, em cafés e salas de redação de jornais, apregava com exemplares da Elzeviria Lemire nas mãos, as excentricidades da nova poesia de Leconte de Lisle, Sully Prudhomme, Baudelaire, Heredia e François Coppée, não esquecendo Victor Hugo, o velho mestre e eterno mestre e seu amio, Théophile Gautier, o "divino Theo" como lhe chamavam. Lembra-me a sofreguidão, e os extases excessivos com que ele folheou e em seguida leu e durante alguns dias contou a folhar e a ler, para que todos os ouvissem, várias das composições da lírica do poeta diplomata. Parece-me ainda estar a escutar-lhe, com a sua dicção entusiástica e exagerada gesticulação,

FORA DA BARRA

Ja vemo longe... os meiros benfeitos
Molam na bruma os címos altaneiros...
Vem de tarde, ventos barulhantes
Vio sol da patina os degradados dezenas.

Até aqui plácias os profundas brechas,
Pecam alem, alem! Adens goitosa,
Tumultos do passado! Adens o grande!
Adens, o velho e infantil decessos!

Na festiva luz do sol preste
Vai-se apagando — as longas tristezas
Do Corcovado a maldeiosa serraria.

O vau parece todo um só germe,
E eu mal sustento o coração partido.
O terra de meus pais! Oh minha terra!

Era depois

PRIMEIRA ENTREVISTA

Em que tanto Dicou-me que viu,
Mais quem sabe! Se acaso soube,
Qualquer cosa improvável, não viu,
Cai! Deus do céu! que estranha a minha!

E este religião vil que não combina!
E o tempo — tanta hora aposta e perde!
Noite ferida! Ah! se chevesse!
Mas não: alguém tocou a campanha.

Alguém numas velas a minha encena;
Quem um rumor de serra maculava;
E uns mudinhas, uns nervosos passos...
Tinha aí ainda! Esperto deante.

Abre a túnica e tola palpitante.
Era eu a sonhar entre os meus braços.

Vinhame em seguida. Visita à casa paterna. O sono de um anjo, Os escravos. A voz das árvores, todo o livro, enfim.

E assim o autor de Sancos e rimas, conforme o está nesse verso. Ver como com ele, e já anteriormente, com Castro Alves e Gonçalves Crespo, se melhor, se aforrmoseia o soneto. Se em 1870 ou 1871 tem nas letras brasileiras iniciação, forma-se, acel-

(Continua na página 142)

BRASILEIRO

tu-se, firma-se de 1880 em diante a escola que tornam em charmar parnasiana. Só apressado juiz, ou superficial exame e ponderação destas cousas pode justificar semelhante denominação. Propriamente, nunca houve parnasianismo no Brasil e impossibilidade nos seus poetas. O que houve foi reação contra o romantismo dos últimos tempos, desrrorado e flacido, foi o restabelecimento das boas normas de escrever versos, um protesto contra o anacronismo da língua, um esforço pela mostrar, qual se não se via, opulenta e nobre, uma cruzada em prol do bom gosto em favor da Arte. Ja a isso me refiri, mais ou menos pelas mesmas palavras, em outra conferência feita nesta Biblioteca. O soneto foi dai restaurado, lidado com desvelo, não raro perfeito, nunca descurado e vulgar. Um pouco de ar dos nossos dias circulou no ambiente insalubre, onde murchava e morria esta melindrosa flor de arte e de sentimento. Modificado embora, às vezes, o molde antigo, mostrou o soneto agora mais perfeita na síntese ou condensação das idéias, e melhor participação destas; mais belo começo e melhor remate, rigorosa propriedade de építeto, exclusão de imagens e metáforas sedicidas e gastas, de lugares comuns e de palavras e expressões vagas e dispensáveis. E com tudo isto e sobre tudo isto, um sentir mais intenso, ou seja mais verdadeiro, e mais subjetividade, mais largo re-
pôr de vida.

Comparai-o com o que fora ainda há pouco...

Henrique Heine, perquirindo os esconderijos das velhas divindades helênicas, arrasadas depois do pródigo solene ouvidio no Egeo, dando como extinto o poderio dos mandões celestes, esqueceu-se de os procurar entre os poetas arcádicos e românticos, sobretudo os que mais ultimamente a gema dessas deidades se haviam refugiado. Ai se encobriram, transidos de medo, Júpiter ou Jove, que nos sonetos do tempo é designado "o tonante", Febo ou Apolo "o arcidente", Marte ou Marte, "o beliger", Afrodite ou Venus "a amada" ou "a formosa eprina". Também encontraria entre os da divina debandada, Eros, mais geralmente Cupido ou "o menino cego" ou "travesso", as Gorgonas e Fúrias "infernais" e de redor, nos bosques e campos os pastores Títo, Coton, Melibeu, Silvano, Umbrano, Frondello e as anagramáticas ninhas Belizas, Nizes e Amarilis... Era o velho aparato mitológico, e tinha os seus chavões seculares ou fórmulas convencionais em que se exprimia.

Versos sem este condimento eram reputados sensabores e desrespeitáveis.

Tudo isso irreverentemente a poesia moderna rejeitou, saiu-se foro. Havia sido belo e aplaudido tudo isso em seu tempo, mas senilizava-se, antiquava-se, arraigava-se. Alguma cousa evitava, entretanto, de aproveitá-la; aproveitou-se na língua e poesia, o que ainda al, resistindo à corrupção, era extremo e bom — poesia de ouro reúzindo esparsas em meio ao escálio grosso — oito arte de trocados e concelhos, às vezes felizes, de onde, a espôs, e que não vai mal à poesia de hoje, um leve perfume de rosas antigas no estilo, nas inversões, oposições ou meneio da língua.

Não cabe neste imperfeito esboço histórico do soneto brasileiro apreciação, sumária embora, de todos quantos nessa época o exercitaram, ajudando-a à evolução. Vão os principais, os mais representativos, ou que lhe deram maior realce, e ainda assim restrinjindo-me aos mortos. E pois, apesar do valor de muitos destes nomes, limite-me a simples menção de Teófilo Dias, Chaves, Souza, Carvalho Junior, Guinannes Passos, Valentim Magalhães, Luiz Rosa, A. de Azevedo Sobrinho, Azevedo Cruz, Diaz da Rocha, Lucio de Mendonça, Moraes Silva, Lucindo Filho, D. Mauá Vieira e Aristede de Andrade.

Adelino Fontoura e Artur Azevedo não são dos maiores poetas de então, mas cabr-lheu de justiça o louvor de exímios sonetistas.

Em Adelino, tão cedo extinto, respira-se um pouco do aroma da poesia quinhentista. Inspira-o quase sempre Luiz de Camões e os versos saem-lhe consonante aces do grande lirico.

ATRAÇÃO E REPULSA

Eu hava mais sonhava nem queria
Que de ti não viesse o rão folhoso,
E como a ti te amei, que alguma te avesse
Crua ferreia! até me puxava.

Uma estrada mais lucida em rão viva
Que nessa vira os passos me guinava,
E tu, ó! te, cuidando que encontrasse,
Após tanto amargura, uma alegria.

Mas tu cedo extinguiste esse encanto,
Foste encantado e deitaste encanto:
Que o bem que achas supõe, não supõe.

Vou, enfim, que de um poeta desfamado:
Se fui te junto, a ti de solto em sonha,
Voltei de desengano em desengano.

Arthur Azevedo é autor, entre outros muitos, qual a qual mais belo e espontâneo, do soneto.

AS ESTATUAS

No dia em que na terra te surjam,
Eu fui ver-te defunta sobre a cera.
Prestados para sempre — oh! seres avessos
Aqueles olhos que me seduziam.

A luz do sol uma janela abriam,
E o jardim avistei onde o condensava
Uma noite perdemos a calçada.
E os estúpitos de mármore corrinhão...

Sentei por aquela mesma porta,
Onde estubas os teus lábios me esperavam.
Cheios de amor que ainda me conforta.

Quando o jardim ruidoso atravessassem
Seis homens com o esqueleto em que as mortas
As estatutas de mármore choraram!

Machado de Assis estreia em pleno esplendor romântico, mas ao trastornar o sol do grande dia, não deixa com este, antes se revigora e transforma. Seus versos, que eram já corretos como a língua em que os escrevia, adquirem ultimamente mais precisão e exímior-lhe o sentir delicado e fino.

Pol. o critico da nova geração num estudo notável inserido na Revista Brasileira (1.º anno, tomo 2º, 1879) e no qual ou que encontram na poesia, encontraram Juiz imparcial e guia seguro. Esses dois seus sonetos viverão tanto quanto as melhores páginas

de sua prosa inconfundível: *Circula viciosa, de forma "continua" e o camoneano A Carolina, sua extremitade comumbeira de tantos anos. Ocupamo-lo nesse:*

A CAROLINA

Querida, só o te leito dormir,
Em que distanciam de longe viva,
Aqui venho e virrei, pobre querida
Trazer-te o coração de compreender.

Pulsa-lhe aquele afeto verdadeiro
Que, a despeito de toda a humana vida,
Faz a nossa existência apeteada
E num recarão pôr um mundo inteiro.

Traga-lhe flores — restos arrestando
Da terra que nem vira passar unidas
E ora mortas nem deixa e separadas.

Sua eu, se tenho meus olhos mal feridos
Pensamento de viva fermeza.
Só pensamento é vida e vivido.

Luiz Delfino. Ocorreu-lhe a morte em 1910, seguindo-se logo no outro ano a de Raimundo Corrêa. Com estes dois nomes e o de Olavo Bilac atinge o soneto brasileiro no grau máximo de evolução e beleza. A musa de Delfino, pela maravilhosa fecundidade, pode ser comparada àquela Diana de cem peitos, amamentadora da vida em todas as suas formas. Nenhum poeta nosso ainda produziu tanto, e tão pouco e inexplicavelmente está assim publicado de obra tão vasta! Orcam por milhares os sonetos por ele deixados, quase todos, se não todos, escritos no período chamado parnasiano. Dos que de suas mãos vieram à imprensa são, entre outros, conhecidos e admirados: *cadaver de virgem, Altar sem Deus, Amazona, Lopo depois do Eden, Capricho de Sardanapalo, In her book, Meritura e Jesus ao colo de Madalena*. Sinto não os poder reproduzir um a um. Ouvi-lhe o último:

JESUS AO COLO DE MADALENA

Jesus expira — o humilde e grande obreiro!
Só tem já peito arca nozima encravado,
E o topo varado e madeiro
Os malhos batem, cravando-as pancadas.

Queda-se o choro em torno — As mãos primeiros
Juntam cada vez mais, agarrando,
A fronte acela; armeia e freno infere
Nos braços das mulheres desgrenhadas.

Soltam-se os gêis — Aumenta o pranto, e a quexa.
Se Madalena no manto da madressa
Limpia-lhe a face, que de menos incisa;

E no meio da lágrima mais linda,
Com o dedo erguendo a pálpebra divina,
Busca ver se Ele a vê... beijando-a suada...

Raimundo Corrêa produziu muito menos, mas também menos longa lhe foi a existência. Demais, por mais meticuloso e perfeito que o de Delfino, era-lhe mais difícil o trabalho. Em Delfino há mais imaginação, em Raimundo mais fino humor, mais perfeita, mais arte. Seu soneto é quase sempre a síntese dum estado de alma, uma paisagem, um quadro, sombrio de sua melancolia, quando não o desenvolvimento de uma idéia moral ou filosófica. Dos destes caráter será sempre assegurado.

MAL SECRETO

Se a edera que erguna, a rão que mora
Nas almas, e desfio cada dia no mato,
Tudo o que praga, tudo o que devora
O coração, no resto te estampasse;

Se o padece o espírito que chora,
Ver através da noite da face,
Quanta gente, talvez, que inveja aquela
Nas ruas, crêem piedade nos enlutados

Quanta gente que ri, talvez, consigo
Guarda um airo, recordo inimigo
Como invisível chaga contrito;

Quanta gente que ri, talvez, esconde
Coja ventura única consigo
Em carecer dos outros venturas;

Exemplificando o mais, ai estão *Anoitecer, Cavalgada, As sombras, Renascimento, Eterno amor, e tantos e tantos outros*.

Distinguem o poeta das Sinfônias a propriedade das expressões, riqueza e variedade de consontânea, abstenção de tropos ou traços comuns, aquele "divino horror" que tinha Machado de Assis à vulgaridade. Caracterizam-no por sua vez certos jogos de vocábulos e idéias, de agudezas conceitivas e paradoxas, com as qualifica Graziel na Arte de ingenio.

E elas como distanciada da de Gregorio de Matos quase três séculos, a poesia de Raimundo não deixa de participar da poesia deste ou da de seu tempo, revivendo-lhe sobre o polido da dicção lidamente vernácula, o artifício dos trocadilhos, os conceitos jocosos, todo o belo, enfim, que sendo de ontem, é de hoje e será de sempre.

E agora, como o fecho de ouro dos bons sonetos,ões ouvir-lhe o que vou recitar-vos, e será o fecho de ouro da conferência. Dizendo-o, certo ele acordará em todos vós, como acordou em mim, uma impressão de altulidão, uma lembrança trágica — a desse norte de França, onde a Alemanha bárbara, em sua everão criminosa, tudo levou, talvez, arrasou, destruiu. Raimundo parece haver tido a antecipada visão daquelas cidades, vias, aedas, palácios, templos, bibliotecas, museus, e oficinas, entrem florescentes, franquedos ao culto, à ciência, ao estudo, ao trabalho, e hoje, espetrárias e mudas, projetando aqui e ali a sombra dolorosa de suas ruínas. Como que por lá paira o espírito do nosso poeta, contempla a cena de desolação, e murmura:

Aquela noiteira retumbaram bimbas
Muito soche real nectar calcadas
E netas pratas, hoje abandonadas.
Bimbas por entre os europeus mortos finos.

Arren de flores, fadas purpurinas,
Tropicos festivais, bandanas desfraldadas,
Ghimbambas clarins, arrebatadas,
Legiões de noz, bimbalhos no rison...

Tudo passou! Mas dessas arcadas
Negras, e céus torreiros melhoreis,
Algum as assenta sobre as lagens frias;

Em terra os olhos dimitidos, tristes,
Espírito, e chora, como Graziel,
Sobre a Jerusalém de tantos sonhos...

EFEMÉRIDES DA ACADEMIA

16 DE MARÇO

1910 — Nascimento, na Baia de José Maria da Silva Paranhos, depois Visconde do Rio Branco.

1933 — Eleição de Rocha Pombo.

19 DE MARÇO

1936 — Eleição do sr. João Neves.

20 DE MARÇO

1828 — Nascimento, em Skien, Noruega, do correspondente Henrique Ibsen.

1855 — Falecimento do poeta Domingos Borges de Barros.

1865 — Nascimento, em São João do Príncipe (Rio de Janeiro), de Alredo Pujol.

22 DE MARÇO

1800 — Nascimento, em São Luís do Maranhão, de Francisco Sotero dos Reis.

1812 — Nascimento, no Maranhão, de João Francisco Lisboa.

1850 — Nascimento, em Bonito, Pernambuco, de Dantas Barreto.

1867 — Nascimento, em Alagoas, de Sebastião Cere dos Guimarães Passos.

1924 — Recepção solene de Laudelino Freire.

23 DE MARÇO

1938 — Eleição do sr. Clementino Fraga.

24 DE MARÇO

1928 — Falecimento, em Washington, de Oliveira Lima.

25 DE MARÇO

1926 — Eleição do sr. Adelmar Tavares.

26 DE MARÇO

1860 — Nascimento, em Barcelos, Portugal, do correspondente Jaime de Sá-guer.

27 DE MARÇO

1705 — Nascimento, em São Paulo, do patrono Matias Ramos da Silva de Igreja.

1916 — Falecimento, no Recife, de Artur Orlando.

28 DE MARÇO

1834 — Nascimento, em Quixadá, Minas Gerais, de Lafayette Rodrigues Pereira.

1934 — Eleição do sr. Ribeiro Couto.

1935 — Sessão pública. Conferência de Ramón Galvão sobre Sotero dos Reis, Odorico Mendes e Montalverne.

29 DE MARÇO

1889 — Falecimento do patrono Teófilo Dias de Melquita.

30 DE MARÇO

1842 — Nascimento, em Hartford, E. U. A., do correspondente John Fiske.

31 DE MARÇO

1860 — Nascimento, em Ouro Preto, Minas Gerais, de Alfonso Celso de Assis Figueiredo, futuro Conde de Afonso Celso.

1932 — Sessão pública, comemorativa do centenário de Goethe. Faíram os srs. Roque, Pinto e Gustavo Barroso.

(Capítulo final de "24 horas da vida de uma mulher")

FIM DE

Outra vez Mrs. C... interrompeu a sua narrativa.

— Vaiu-se, foi até a Janela, olhou para fora e ficou de pé muito tempo sem se mexer, e eu via como que um leve tremor na sua silhueta petrificada. Bruscamente voltou-se, com decisões, suas mãos ateitão cílicas e indiferentes tiveram de repetir um gesto violento, um gesto contorcido, como se quisesse rasgar qualquer cosa. Depois me olhou duramente, quase com ameaça e continuou logo:

— Prometi ao sr. ser inteiramente sincera. Compreendo agora, quanto era necessária aquela promessa, porque só agora, esforçando-me para descrever pela primeira vez, de um modo organizado, tudo o que se passou naquela hora e, procurando as palavras precisas para exprimir um sentimento que então estava todo encolhido e confuso, é que digo outra vez, ao agora, compreendendo com clareza muita coisa que eu não sabia ou que talvez não quisesse saber; era a razão por que queria dizer a mim mesma e ao sr. a verdade com energia resoluta. Naquela hora, quando o rapaz saiu do quarto que fiquei sozinha, senti (ol como um desmaio que se apoderou de mim pesadamente) senti a sensação de um golpe duro vindo ferir-me o coração. Qualquer coisa tinha me ferido mortalmente, mas não sabia (ou então recusava saber) de que modo, por que razão a atitude tão comovedora e tão respeitosa do meu protégé tinha me ferido tão dolorosamente.

Hoje, que me esforcei para fazer surgir do fundo de mim mesma, como uma coisa estranha, todo o passado, com ordem e energia e que a sua presença não permite nenhuma dissimulação, nenhuma escapulência covarde de um sentimento de vergonha, hoje, sei perfeitamente o que foi. O que então, me fez tanto mal, foi a decepção por ver que aquele rapaz tinha partido com tanta docilidade... sem nenhuma tentativa para me guardar, para ficar perto de mim... por ver que ele obedecia humildemente e respeitosamente ao meu primeiro pedido convidando-o a retirar-se em vez... em vez de tentar pulsar-me violentamente para si... por ver que ele me venerava unicamente como a uma santa surgida no seu caminho... e que... que não compreendia que eu era uma mulher.

Foi para mim uma decepção... uma decepção que não confessei, nem naquele ocasião nem mais tarde, mas a alma de uma mulher compreendendo de tudo, sem palavras e sem uma sensação precisa. Porque, agora, não me engano mais... se aquele homem tivesse me agarrado então, se tivesse me pedido que o acompanhasse, eu teria ido com ele até o fim do mundo, teria deshonrado meu nome e o de meus filhos... Indiferente aos comentários dos outros e à razão interior, teria fugido com ele, como aquela Mme. Henriette fugiu com o jovem francês, que na véspera ela não conhecia... Não teria perguntado nem onde na nem por quanto tempo; não teria deitado um único olhar para trás sobre a minha vida passada... Teria sacrificado aquele homem e meu dinheiro, meu nome, minha sorte, minha honra... Teria ido mendigar e provavelmente não haveria baixa no mundo que ele não me levasse a consentir. Teria abandonado tudo o que entre os homens se chama pudor e reservas; se apenas ele tivesse se aproximado de mim dizendo aquela palavra ou dando um passo. Se ele tivesse tentado agarrar-me naquele instante, ele me estenderia já a mão para

estava perdida e ligada a ele para sempre. Mas... já lhe disse... aquela criatura singular não lançou mais um olhar sobre mim, sobre a mulher que havia em mim... E o quanto eu ardia de desejo de abandoná-la, de me abandonar toda, só o senti mais tarde, quando fiquei sozinha, quando a paixão que, um instante antes, exaltava ainda a sua fisionomia luminosa e quase seráfica, caiu obscuramente no meu ser e pôs-se a palpitar no vazio de um peito abandonado. Levantei-me penosamente. O meu encontro com os parentes tinha-me tornado duplamente desgarrado. Parecia-me que a minha testa estava apertada num capacete de ferro pessado e opressivo, sob cujo peso eu vacilava; minhas ideias davam sem nexo e os meus passos incertos quando cheguei até o outro hotel onde estavam os meus parentes.

Lá, fiquei sentada, com o espírito triste, no meio de uma conversa animada e experimentava uma sensação de austo, cada vez que erguendo os olhos por acaso encontrava aquelas fisionomias inexpressivas que (comparadas com a daquele rapaz, animada, no que parecia, pelo reflexo de luz e sombra de um grupo de nuvens) me pareciam geladas e cobertas por uma máscara.

Parecia-me estar no meio de pessoas mortas, tão terrivelmente privada de vida era aquela sociedade; e, enquanto punha aquela no minha chita e diaz algumas palavras com o pensamento ausente, sempre, por cima de mim mesma, surgia com uma onda ardente do meu sangue, aquele rosto cuja contemplação tinha-se tornado para mim uma alegria ardente e que (ideia terrível) dali a uma ou duas horas eu veria pela última vez.

Inconscientemente, sem o querer, eu terei deixado escapar algum leve suspiro ou algum gemido, porque de repente a prima de meu marido inclinou-se para mim perguntando o que eu tinha, se estava indisposta, porque estava muito pálida e parecia muito preocupada. Aquela pergunta inesperada foi rapidamente agarrada por mim, como um pretexto para declarar, logo que efetivamente estava com uma forte enxaqueca, e aproveitei para pedir permissão para me retirar "à francesa".

Assim, tendo recuperado a liberdade, voltei a toda a pressa para o meu hotel. Desde que ali cheguei e meachei sozinha, senti outra vez uma sensação de isolamento e abandono; e o desejo de ir para junto daquele rapaz que eu deveria deixar naquele dia para sempre, apoderou-se de mim com furor. Andava de um lado para o outro no meu quarto. Abri gavetas sem necessidade, mudei de vestido e de fitas para achar-me bruscamente diante do espelho, perguntando a mim mesma, com um olhar inquisidor, se assim enfieiada, eu não poderia atrair o seu olhar sobre mim. De repente, me compreendi. Fazer tudo para não me separar dele! E num instante todo feste de vencimento, aquele desejo transformou-se em uma resolução.

Corri à presença do portoíro do hotel e anunciei-lhe que a partir naquele mesmo dia pelo trem da tarde. Agora, tratava-se de andar depressa. Chamai a criada de quarto para que me ajudasse a preparar a minha bagagem, porque o tempo fúgia. Enquanto, com uma pressa reciproca, íamos metendo nas malas as roupas e os objetos mijados, pensava antecipadamente no que seria aquela surpresa; como o acompanharia até o trem, e, quando no trem, bem, no último momento, ele me estendesse já a mão para

o adeus final, como eu bruscamente curvando para o vagão, seguiria o rapaz espantado, para ficar com ele aquela noite, na noite seguinte: enquanto ele me quisesse.

Uma espécie de embriaguez deliciosa e entusiasmada borbulhava no meu sangue, por vezes rindo alto de improviso, atraindo os meus vestidos dentro das malas, com grande espeto da criada. Meu espírito, eu bem o sentia não estava mais no seu lugar. Quando o carregador veio para levar as malas, olhei-o a princípio com surpresa, era-me por demais difícil pensar em coisas positivas enquanto a exaltação fazia expandir-se intensamente a minha alma.

O tempo urgia, deviam ser perto de seis horas, faltariam quando muito uns vinte minutos para a partida do trem. Consolai-me pensando que já não iria mais dizer adeus, já não seria mais uma separação e não iria mais dizer adeus, já que estava resolvida a acompanhá-lo na viagem enquanto ele o permitisse. O carregador trouxe as minhas malas e precipitou-me para o escritório do hotel, afim de pagar a minha conta. Já o gerente me entregava o troco e eu estava prestes a partir, quando senti que alguém tocava delicamente no meu ombro. Estremeci. Era a minha prima, que, preocupada com o meu pretendido mal-estar, tinha vindo ver-me. Meus olhos ficaram turvos. Não sabia como me livrar daí, rada instante de demora, representava um agravio fatal: no entanto a delicadeza me obrigava a ouvir-lá e a responder ao menos durante um instante.

— E preciso que vá para a cama, insistei ela; com certeza estás com febre. E ela bem possível, porque sentia as minhas fontes latejarem com uma violência extrema e às vezes passavam pelos meus olhos aquelas sombras azuis que anunciam a aproximação de um desmaio. Mas, protestei, e esforcei-me para mostrar um reconhecido, no passo que cada palavra me quebrava e que eu gostaria de dar um ponta-pé naquela solicitude tão inopportunamente.

Mas a indesejável criatura ficava, ficava sempre. Ofereceu-me água de Colônia e quisela própria refrescar-me as fontes enquanto eu contava os minutos com o pensamento cheio daquele rapaz e procurava ansiosa um pretexto qualquer para poder livrar-me daqueles cuidados torturantes. Quanto mais eu ficava inquieta, mais eu lhe parecia suspeita. Foi quase brutalmente que afinal a quis obrigar-me a ir para o meu quarto e deitar-me. Então, no meio daquelas exortações, olhei de repente para o relógio que estava no meio do "hall". Eram sete horas e vinte e oito minutos e o trem partia às sete e trinta e cinco.

Bruscamente, de um só folego, com brutal indiferença de uma desesperada, estendi a mão à minha prima sem outra explicação, dizendo:

— Adeus; é preciso que me vá embora. E sem me preocupar com o seu olhar de espanto, sem me voltar, precipitei-me para a porta, sob o olhar espantado dos criados e corri pela rua em direção à estação.

Pela gesticulação animada do carregador que esperava ali com a bagagem, compreendi já de longe, que era mais que tempo. Com um furor cego, precipitei-me para a grade da entrada da plataforma, mas ali um empregado fez-me parar. Tinha esquecido de tomar o meu bilhete. E, enquanto que, quase pela violência, eu tentava obter que ele me deixasse passar apesar de tudo e ir até a minha ferreia, o trem pôs-se em marcha.

Fixei os olhos, tremendo dos brutalmente arrancada aquele tumulto, eu queria reviver para gozar retrospectivamente, trago por trago, aquelas emoções fugitivas, grácas àquela magia mágica de me iludir enganando-me a mim mesma, a que damos o nome de — recordação... A falar a verdade, tudo isso são coisas que a gente compreende e não pode compreender. Talvez seja preciso ter um coração abrindo para as conceber.

Por isso, dirigi-me, para recuar, para a sala de jogo, diligente procurar a mesa onde ele tinha estado, e tornar a ver em imaginação, entre tantas mesas, as dele. Entrei a mesa, onde o tinha visto pela primeira vez, era bem o sabia ainda, a da se deveria voltar, ou não para querida no segundo salão. Cheguei com a bagagem. Foi-me da um dos seus gestos tinha ficado gravado no meu espírito com nitidez; como uma sombra dura de olhos fechados e mãos estendidas em terra encontrando o seu lugar. Entrei, pois, e atraísseci a sala.

E lá... depois de ter ficado aquecida a entrada, meus olhos percorreram aquela multidão barulhenta... Deu-se, então, uma coisa singular... Lá, exatamente no lugar em que eu tinha imaginado, lá estava ele sentado (ilusionado causada pela febre) ele, em pessoa. Ele... ele... exatamente como eu o tinha evocado na minha memória... exatamente como eu véspera, com os olhos fixos acompanhando a bola, parecendo como um espetro... mas não... bem ele... indiscutivelmente ele...

Estive a ponto de gritar, mas grande foi o meu susto. Mas, dominou o meu terror diante daquela visão insensata e fechou os olhos.

— Estava louca... estava louca... estas... estas com febre... dizia eu a mim mesma. E, absolutamente impossível, eu alucinada... ele foi-se embora de trem há metade hora.

Enfim abri outra vez os olhos, espetáculo terrível! Exatamente como havia pouco, lá estava ele sentado, em caro e oso, indiscutivelmente... Tinha reconhecido aquela mesa entre milhares de outras mesas. Não, não estava sonhando era bem ele. Não tinha ido embora, como me havia prometido. Insensatez tinha ficado; tinha vontade trazer para o pano verde do dinheiro que eu lhe tinha dado para voltar para casa e completamente esquecido de si mesmo, dominado pelo vício. Tinha vindo jogar naquela mesa enquanto o meu coração se dilacerava desesperadamente na ânsia de tornar a encontrá-lo.

Um abalo de todo o meu corpo atirou-me para a frente, com os olhos furiosos, numa raiva desesperada, que me fazia ver vermelho, tinha um desejo louco de agarrar pela garganta e perjurou que tinha tão miseravelmente abusado da minha confiança, do meu sentimento e da minha dedicação. Mas, dominou-me ainda. Com um vagar afetado (que energia não foi preciso para fazer aquela aproximação) da mesa, bem em frente a ele; um homem edeou-me delicadamente o lugar. Deixou-me de pano verde nos separaram apenas e eu podia, como no teatro, do alto de um balcão, observar a sua visão visível de todos os ardores infernais do vício. As mãos, aquelas mãos que naquela tarde ainda eu tinha visto estendidas por cima da madeira do gabinete, no mais sagrado dos jardins, agarravam agora, outra vez, crispados como se fossem vadios luxuriosos, e

imaginava que aqueles acontecimentos tinham-se precipitado sobre mim como um ralo, não tinha sentido senão um golpe, um golpe único que tinha me estonteado. Agora, porém, sem vadios luxuriosos,

NOVELA — STEFAN ZWEIG

peiro amontoado em volta de-
los

Porque tinha ganho. Devia ter ganho uma grande, uma for-
te soma. Na sua frente brilhava um amontoado confuso de
jóias, de joias de ouro, de moedas de
dinheiro, uma mistura de
coras postas ali ao acaso, sobre
as quais os seus dedos, os seus
olhos nervosos e fremeantes se
estendiam e mergulhavam com
voluptade.

Viu-se agarrar e dobrar as
mãos encostando-as, virar e apai-
par amoresasamente as moedas e
depois, bruscamente, apanhá-las
um punhado e atira-las sobre um
dos quadrados. E imediatamente
as suas marcas reconhecavam-
a pulpitir por intervalos. O
aspéto do banqueiro astafava do
manto de dinheiro os seus olhos
brilhantes de cubica que se
puxavam e movimento furibundo
na boca e parecia que a sua al-
ma, atras de lá, ao passo que
os contadores ficavam literalmen-
te prenados no piano verde. Seu
aspéto de indivíduo inteira-
mente dominado pela loucura
do jogo era para mim ainda
mais terrível e aterrador que
a vespereira, porque cada um
daqueles gestos, assustava em
mim a imagem que brilhava sob
um fundo deuro e que eu tu-
nhava guardado credulamente na
minha alma.

Estavam assim a dois me-
tro um do outro. Olhava-o fi-
xamente, sem que ele desse pala-
minha presença. Ele não erguia
os olhos nem para mim, nem
para ninguém; seu olhar escor-
reava apenas para o lado do
dinheiro e vacilava inquieto, o-
servando a bola que rolava:
jazendo círculo verde e furibundo
de absorvia todos os seus sen-
tidos que palpavam acompanhando
o jogo. O mundo inter-
no, toda a humanidade tinha
desaparecido para ele, mer-
gulhado naquele quadrado de pa-
nete.

E bem sabia que poderia ficar
ali durante horas a fio, sem que
ele suspeitasse ao menor a mi-
nha presença.

Não pude, porém, aguentar
muito. Numa brusca resolução
eletorinal a mesa, coloquei-me
por traz dele e segurei-o de re-
pente pelo ombro.

Seu olhar voltou-se; durante
um segundo encarou-me com as
pupilas vidradas, como de si-
lencio a quem não reconhe-
cemos, tal e qual como um ébrio
que é preciso sacudir para
fazê-lo acordar e cujos olhos
estavam turvos por causa
dos vapores cinzentos e fuma-
centos que tem em si. Depois,
poderia reconhecer-me; abriu a
boca tremendo, abriu para mim
com um ar feio e balbuciu
balbuciu com uma familiarida-
de, de onde haria ao mesmo tem-
po alcunha e mistério.

Tudo vai bem...

Senti logo que seria assim
quando entrei e que vi que ele
estava aqui... senti logo... Não
compreendi o que ele queria di-
zer. Notei apenas que o jogo o
tinha embrulhado e que aquele
desenato tinha escondido tudo:
seu juramento, seu encontro na
estação, o universo e a mim. Mas, mesmo naquele estado de
posseio, o reflexo de êxtase que
achava de mostrar quando me
viu, era tão sedutor que, mui-
rado meu, segui-lhe os gestos e
perguntei-lhe a quem se re-
feria.

— Pelo daquele general russo
que está ali, que só tem um
braço, murmurou ele, aconcheg-
nando-se a mim para que nin-
guém ouvisse o segredo mágico.
Ali, aquele de costeletas
brancas, e que tem um lacrimor por
traz dele. Ganha sempre. Ja-
ontem, eu tinha reparado nisso.
Tem com certeza algum sistema
e jogo, sempre o mesmo jogo
que ele... Ontem, também, ele
ganhou sempre, mas eu fiz a
tollé de continuar a jogar de-
pois que ele foi-se embora; foi
o meu erro... Ontem, ali deve

ter ganho uns vinte mil francos e hoje também tem ganho
sempre... Agora apostou sempre
depois dele... Agora...

No meio da frase, parou de res-
pente, porque o banqueiro
gritou alto: — "Fazam jogos!" E o olhar do rapaz vi-
rou-se preso para o lado, e
dovendo o lugar onde estava
sentado, grave e calmo o Russo de
barba branca, que colocou
com circunspecção, primeiro
uma moeda de ouro e depois de
um momento de hesitação uma
outra sobre o quarto quadrado.
imediatamente as mãos ar-
dentes que estavam diante de mim
mergulharam no monte de
dinheiro, atiraram um punhado
de moedas de ouro no mes-
mo número. E quando, um mi-
nuto depois, o banqueiro gri-
tou "zero!" e que a pôs recolheu
tudo com um só movimento, en-
volvendo toda a mesa, o rapaz
olhou estupefacto, como se
vivesse nido um milagre todo
aquele dinheiro que desapare-
cia.

Pensa talvez, que ele se vol-
tou outra vez para mim? Não.
Tinha-me esquecido, completa-
mente; eu tinha desaparecido, perdi-
da, apagada da sua exis-
tência; todos os seus sentidos
extintos estavam concentrados no
general russo, que comple-
tamente indiferente, segurava
entre os dedos duas moe-
das de ouro, indéciso no núme-
ro em que as colocaria.

Não lhe posso descrever a mi-
nha amargura, o meu deses-
pero. Mas, o senhor pode imagi-
nar o que eu sentiria: verificar
que para um homem a quem se
fez o donativo de toda a sua
vida, não se é mais de que uma
moeda que uma mão indolente
expulsa com aborrecimento.
Outra vez uma onda de raiva
furiosa passou sobre mim. Agar-
rei-o pelo braço com tanta vio-
lência que ele se levantou
bruscamente.

— O sr. vai sair imediatamente
daqui? murmurou-lhe
baixinho, mas em tom autori-
tário. Lembre-se do juramento
que fez hoje na igreja, mi-
serável perjuro que é.

Olhou para mim, comovido
pelas minhas palavras e muito
pálido. Seus olhos apresenta-
ram de repente a expressão de
de um cão batido. Seus lábios
tremeram. Parcei-lhe imbrigar-
se bruscamente de tudo o que se
tinha passado e dir-se-ia que
tinha horror de si mesmo.

— Sim... sim... balbuciu

— Oh! meu Deus, meu
Deus!... Sim... já vou, per-
doe-me...

E já sua mão arrebanhava
todo o dinheiro, a princípio
rápidamente, com movimentos
largos e energicos, mas depois
com indolênci a cada vez maior
e como se fosse retido por uma
força contraria. Seu olhar in-
tuita caido sobre o general rus-
so, que estava precisamente
apostando.

Um momento ainda... disse
ele, atirando rapidamente
cinco moedas de ouro sobre o
mesmo quadrado. — Só esta-
vez... Juro-lhe que depois irei
embora... Só esta vez... Só
esta... E outra vez sua voz ex-
pirou. A bola tinha começado a
rolar, arrastando-o no seu mo-
vimento. Outra vez o possessor
tinha-me escapado e tinha per-
dido a noção de si mesmo, ar-
rastado pelo giro da bola mi-
núscula que saltava e pulava
na cuba envernizada.

O banqueiro gritou um núme-
ro; a pô apodrou-se das cinco
moedas de ouro: tinha perdi-
do. Mas não se voltou.
Tinha-me esquecido como ao
seu juramento, como tinha es-
quecido a palavra que acabava
de quebrar completamente o
corpo que sofre, a carne tortu-
rada; já que, apesar de tudo, o
sangue continua a correr e que
a gente sobrevive a tais horas,
em vez de morrer e de cair como
uma árvore abatida pelo ralo.

A dor não tinha me aque-
brado senão por um momento, o
tempo de receber o choque, de
modo que cai naquele banho,
sem poder respirar, elegante e
sentindo por assim dizer um an-
tegosto voluptuoso da minha
morte fatal. Mas, como acabei
de dizer, todo o sofrimento é co-
rante e recua diante do poder
do instinto de conservação que
fica mais fortemente ancorado
na nossa carne que todo o dese-
jo de morte no nosso espírito.

Então aconteceu uma coisa
completamente inesperada. Vol-
tou-se de golpe, o rosto que me
olhava então, não era mais o de
um furioso, de uma criatura do-
minada pela colera, cujos olhos
queimavam e cujos lábios tre-
miam de raiva.

— Não me amole! gritou ele,
ferozmente. Vá-se embora! Vou
me da azar! Sempre quando
esta a meu lado perco. De-
sejasse ontem e está se dando
agora. Vá-se embora! Fiquei
um momento como que fulmi-
nado. Mas depois, diante da sua
loucura, a minha colera extra-
vou:

— Eu lhe dou azar? exclamou
eu. Mentirosa ladra, o sr. que
tinha jurado...

— Mas tive que calar-me, porque
o furioso saiu do seu lugar e
empurrou-me para longe, in-
diferente ao tumulto que se er-
guia.

— Não me amole! exclamava
ele aos berros. Não estou sob
a sua tutela... Tome, tome,
tome o seu dinheiro... e ati-
rou-me algumas das notas de
cem francos... Agora deixe-me
em paz.

Tinha gritado tudo aquilo
alto, como um louco, indiferen-
te à presença de centenas de
pessoas que estavam em volta
de nós. Todo o mundo olhava
para nós, cochichava, insinuava
coisas, ria, e mesmo de sal a
lado aproximavam-se numerosos
curiosos. Tive a impressão
de que me arrancavam as rou-
pas e que eu estava nua diante
daquele gente cheia de curiosi-
dade.

— Silêncio, Madame, faça o
favor! — disse com voz forte e
autoritária o banqueiro, batendo
na mesa com a sua pâ.

Era a mim que se dirigiam as
palavras daquele miserável. Hu-
miliada, coberta de vergonha,
achava-me exposta àquele e à
curiosidade murmurante e co-
chichadeira, como uma prosti-
tuta a quem acabam de dar di-
nheiro. Duzentos, duzentos
olhos insolentes estavam er-
vados em mim. E... como me
afastava, curvada sob aquela
saracava imunda de humilha-
ção e de opróbrio, voltando os
olhos para o lado, em que diante
de mim encontrou dois olhos
que a surpreza tinha tornado
quase desvairados. Era minha
prima que me olhava com ar
assustado, de boca aberta e com a
mão levantada como que ter-
rorizada.

Aquilo foi para mim como
uma chicotada. Antes que ela
tivesse podido fazer um move-
mento, voltar a si da sua sur-
presa, precipitei-me para fora
da sala. Tive ainda força ba-
tante para ir em direção ate
o banco em que na véspera
aquele possessor tinha-se deixado
cair. E, tão fraca, tão esgotada
que, tão alquebrada como ele,
deixei-me cair sobre a madeira
dura e insensível.

Quando entro, vi que ele
estava sentado, com os braços
apoiados no banco, com os
pés apoiados no chão, com os
olhos voltados para mim. Tinha
os olhos vermelhos, os olhos
de um cão batido. Tinha
os lábios tremendo, os lábios
de um cão batido.

— Meu filho aproximou-se para
me beijar. Tive um gesto de
recojo diante dele, era-me insu-
portável a ideia de que ele ia
tocar aquela lábios que eu con-
siderava manchados. Afastei to-
das as perguntas, pedi apenas
um banho, por que sentia uma
necessidade de purificar o meu
corpo (absticação feita do solo
da viagem) de tudo o que pare-
cia haver ficado ainda agarra-
do ali da paixão daquele pos-
sessor, daquele homem indigno.

Depois arrastei-me até o meu
quarto e dormi durante doze ou
quatorze horas um sono de an-
imal ou de pedra, como eu nu-
tinha dormido, um sono que
me ensinou o que deve ser a
morte dentro de um caixão
mortuário.

Minha família cuidava de
mim como de um bebé. Mais
a sua ternura não conseguia
senão fazer-me sofrer. Tinha
vergonha, sentia-me envergo-
nhada diante do respeito e dos
cuidados que me dispensavam e
precisava a todo instante estar
de repente, confessando
quanto eu os tinha traído, es-
quecido, quase abandonado, sob

o agulhão de uma paixão lou-
ca e insensata.

Depois dirigi-me por acaso a
uma pequena cidade francesa,
onde não conhecia ninguém,
porque vivia perseguida pela
obsessão de que todo o mundo
poderia, pelo meu aspecto, ao pri-
meiro golpe de vista, perceber
a minha vergonha e a minha
transformação, por tal forma
eu me sentia traída e suja ate
o fundo da alma. Às vezes,
acordando-me pela manhã, na
minha cama, tinha um pavor
terrível de abrir os olhos. Lem-
brava-me subitamente daquele dia
em que me tinha acordado
inesperadamente, ao lado de
um desconhecido, de um ho-
mem semi-nu e então, como na
primeira vez, não tinha senão
um desejo: o de morrer imedia-
tamente. Não obstante, o tem-
po tem um grande poder e a
idade apaga de um modo es-
tranhando todos os sentimentos.
Sentímos que estámos mais per-
to da morte: sua sombra, es-
curecida, sobre o caminho; as col-
inas parecem menos vivas e não
afetam mais, com tanta intensi-
dade as portas profundas da
nossa alma e perdem muito de
seu poder perigoso.

Pouco a pouco curei-me do
golpe recebido, e quando, lo-
gos anos depois, encontrei um
dia na sociedade, addio à e-
gação da Áustria, um jovem po-
laco, que, a uma pergunta feita
por mim sobre a família do ho-
mem cujo leito eu tinha parti-
lhadado uma noite, me respondeu
que um dos seus membros, um
primo precisamente, tinha-se
suicidado dez anos antes em
Monte Carlo, eu nem sequer es-
tremeci.

Aquilo não me causou o mo-
nor sofrimento (por que negar
o meu egoísmo?), aquilo fez-me
bem, porque assim desaparecia
todo o perigo de tornar a en-
contrá-lo ainda. Não existia
contra mim outra testemunha
que não fosse a minha lembran-
ça. Depois disso, fiquei mais
tranquila, Envelhecer não é
afinal outra coisa senão per-
der o medo ao passado.

E agora o sr. comprehende,
porque me decidi bruscamente a
contar-lhe a minha história. Quando o sr. estava defendendo
Mme. Henriette, suspirando apa-
ixonadamente que vinte e
quatro horas podiam mudar
completamente a vida de uma
mulher, senti-me diretamente
atrigada por aquelas palavras.
Fiquei-lhe reconhecidamente, por-
pela primeira vez, via-me por
assim justificada e então
pensei que talvez, libertando a
minha alma por meio de uma
confissão, o passado farto e a
eterna obsessão do passado des-
apareceriam e que amanhã
ser-me-ia talvez possível voltar a
Monte Carlo e penetrar na
sala onde encontrei o meu des-
tino, sem sentir ódio nem de-
negação de mim. Botão a prata
que pesa sobre a minha alma
erguer-se-ia para cair com todo
o seu peso sobre o passado que
ela manteria frachado como num
tumulo sem poder mais des-
pertar.

Foi para mim uma felicida-
de ter podido encontrá-lo para
lhe contar tudo isto. Estou ago-
ra aliviada e quase alegre...
Estou-lhe muito obrigada.

Ouvindo aquelas palavras, le-
vantei-me subitamente, vendo
que tinha acordado. Um tanto
embaraçado tentei dizer qual-
quer coisa, mas, percebendo
isso, não me deixou falar.

— Não, preciso-lhe por favor,
não fale... Dizendo que não me
responde nem diga coisa alguma.
Mas uma vez muito obri-
gado e faga uma boa viagem.
Estava de pe diante de mim
estendendo a mão em sinal de
adeus. Involuntariamente olhei
para aquele rosto e achi singu-
larmente comovedor o aspecto
daquele Edomônio de mulher

(Continua na página 148)

O MESMERISMO SEM MESMER — STEFAN ZWEIG

A vida é sempre mais rica em surpresa do que qualquer novelo. Nenhum artista teria sido capaz de imaginar, para o trágico infarto que perseguia implacavelmente Mesmer, durante toda uma vida de lutas e ainda muito tempo após sua morte, um símbolo mais ironico do que o fato de não ter tanta experiência e investigador desvendado precisamente aquilo que constitui sua mais clara descoberta, isto é, que o que desde então consummos chamar mesmerismo não constitui nem a teoria nem o invento de Franz Anton Mesmer.

Certamente foi ele quem provocou esta manifestação da energia psíquica, básica para o conhecimento da dinâmica espiritual, mas — em totalidade! — não soube vê-la. Vislumbrou-a, mas passou por alto. Como, segundo o convencionalismo estabelecido, um descoberto não pertence a quem o atinge e sim a quem a assimila e define, sucedeu que todo a alegria da demonstração da influência psíquica no homem pela hipnose, toda a glória de ter iluminado o espaço imenso entre a consciência e a inconsciência, vem recair, não sobre Mesmer, porém sobre seu fiel discípulo, o conde de Maximilien de Puysegur.

Assim, encontra, no ano fatal de 1784, Mesmer, com seus queridas moças do vento, está a braços com odiados e acreditados científicos em defesa do fluido magnético, seu discípulo lança à publicidade, escondido em linguagem sumamente positiva e sóbria, um "Rapport des cures opérées à Bayonne por le magnétisme animal", adressed à M. l'abbé de Voulançet, conselheiro clérigo do parlamento de Bordeaux, 1784", em que põe às claras de maneira irrefragável fatos patentes: o que em vão buscara o metafísico alemão com seu cosmos e seu místico fluido universal.

As experiências de Puysegur faram a entrada do mundo do espírito pelo ponto mais insuspeito. Desde os tempos mais remotos, tanto na Idade Média quanto na antiguidade, a ciência vinha considerando as manifestações do sonambulismo e o próprio sonambulismo como fatos anormais. Através dos séculos se repetiu o caso de, entre centenas de milhares ou entre milhões de seres normais, nascer um desses singulares notáveis que, tornado de um sono misterioso, se ergue de cama com os olhos fechados e, sem ver, sem palpar, sobe escadas sobre escadas, até chegar ao telhado, e uma vez os corre pelos orelhas ver-tiginosas dos berlais, pelas címeas e fachadas, para depois, sempre fechados, as párpadeas, voltar ao primitivo repouso sem que, no dia seguinte, conserve a mínima lembrança ou ideia do seu passeio noturno ou lugares desconhecidos.

Antes de Puysegur não se tinha encontrado explicação alguma que resolvesse o enigma desse fenômeno que era, sem dúvida, claro e patente. Estes indivíduos não podiam ser considerados como dementes, pois que, em estado de vigília, atendiam com toda regularidade e desembaraçado às suas ocupações comuns. Tão pouco também podiam ser qualificados de normais porque com sua conduta, quando mergulhados na seu estranho torpor, iam ao encontro de todas as leis naturais; porque um homem assim, quando ando no escuro, de olhos fechados — coladas intimamente os párpadeas — e privado portanto da visão física, reporta em todos os perigos e nos obstáculos mais insu-
ficiencias.

Ao caminhar, pola, pelos lugares mais perigosos (que, deserto, evitaria), quem a guia para direi não dão? Quem a sustém, quem ilumina seus sentidos? Que espécie de visão interna posse por trás dos párpadeos cerrados? Que sentido anormal, que "sens interieur", que "second sight" conduz este que dorme consciente, como um anjo alado, através dos obstáculos? Tal é o perguntas que, desde o mais remota antiguidade os sábios formularam sem cessar; mil, dois mil anos, permaneceu o espírito investigador diante de um desses mágicos enigmas de vida que a natureza, de vez em quando, intercalava no ordem regular dos fenômenos, como se com este fato inexplicável, em desacordo com as normas

degraus do universo, pretendesse lembrar ao homem o respeito que deve ao irracional.

E de repente, tão enfadonho quanto impertinente, se apresentou um discípulo desse enladrado Mesmer, um homem que, nem siquer é médico, e simplesmente amor de magnetismo, demonstrou com experiências irrefutáveis que o fenômeno caracterizado por este estado de sonambulismo não é nenhum lapso no plano de trabalho da natureza, não é uma monstruosidade isolada como um criancão com cabeça de bala, ou como os imóveis siameses entre a multidão inumerável de criaturas normais, e sim constitui um complexo orgânico de fenômenos — mais importante e mais pernoso também — que este estado de sonambulismo, este relaxamento da vontade, este ação inconsciente durante o sono magnético (hoje dizemos hipnótico) pode ser provocado por meios artificiais em quase todos os pessoas.

Puysegur, conde, distinto, filantropico em extremo, de acordo com a moda do tempo, fôr conquistado desde o princípio pela teoria do mestre, mostrando-se verdadeiramente apaixonado por ela. Por diletação humana, por curiosidade filosófica se dedicava, nas suas prorrogações de Buzancy, e sem remuneração alguma, a praticar o tratamento magnético, de acordo com as prescrições do mestre. São seus pacientes, não marqueses históricos nem aristocratas serios, porém soldados de cavalaria, rapazes do campo, rudes, sôrios, sem laivo de rufastria, formando assim uma matrinx experimental duplamente valiosa.

Tornam-se dirigir a ele uma multidão de pessoas óvidas de recobrar a saúde, e o filantropico conde se esforça, fiel à prescrição mesmista, por provocar nos enfermos as crises maximas. Um dia, por, por surpresa, quase assustado. Um jovem pastor, de nome Victor, em vez de responder aos passos magnéticos com as convulsões e espasmos do costume se entorceu literalmente e mergulhou num sono repousado entre os moids do magnetizador. Como este resultado se afastava de regra, segundo a qual o doente terá convulsões e não sono, intento Puysegur sacudir e despertar o inerte rapaz.

Em vóz! Puysegur chama-o, mas o rapaz não se move. Sacode-o, porém, — coisa estranha! — o camponês dorme um sono total e farto do normal. E, de subito, ao ordenar-lhe de novo que se levante, o rapaz ergue-se e dó oitavo passos, sem obrir os olhos. Apesar de manter as párpadeas fechadas comporta-se em absoluto como uma pessoa que estivesse acordada e em seu perfeito juizo, sem deixar o seu sono. Acha-se em estado de sonambulismo, em pleno dia. Puysegur, estupefacto, tenta interrogá-lo. E, pronto! o camponês responde, em meio de seu torpor, com absoluto coerência e clareza a todas as perguntas, servindo-se também de uma linguagem mais palido que de costume.

Puysegur, intrigado pelo novo descoberto, repete a experiência. E com efeito, não só consegue provocar o mesmo estado de dormante vigília, de sono acordado, por meio da magnetização (verdadeira sugestão) no rude camponês, como também em pessoas diversas. Puysegur, entusiasmado nas suas investigações recobrado afincô, dá ordens que chama post-hipnóticas, isto é, ordena à pessoa em letargo, que, ao despertar, execute determinados atos, e efetivamente o "medium", voltando ao seu estado normal e recobrada sua plena consciência, executa com todo a pontualidade aquilo que lhe foi ordenado quando dormia.

Agora Puysegur só necessita juntar no seu caderno estes surpreendentes processos, depois do qual o Rubicón da moderna psicologia foi atravessado, e o fenômeno da hipnose estabelecido pela primeira vez. E' certo que não foi com Puysegur que a hipnose entrou pela primeira vez no mundo, mas foi com ele que se somente que adquiriu este domínio consciente. Já conta Porcabeau que, num convento de Karttner, as monges, ao praticarem o tratamento, distraíam a atenção dos enfermos por meio de objetos cintilantes; no

antiquíssimo, a partir da época de Apolônio de Tyano, se encontram notícias de processos hipnóticos.

Mas além da esfera humana, no reino dos iracionais, se conhece como, tradicionalmente verdadeiro o efeito do olhar fixo e fascinante da serpente. E o próprio símbolo mitológico de Medusa que significa semelhante a paralização do vontade por um poder de sugestão? Pois bem, esta força coercitiva do atenção não fôr nunca empregada como método nem siquer por Mesmer, apesar de, com seus contactos e olhares, se ter valido dezenas de vezes inúmeras. Sempre lhe ocorreu que alguns de seus clientes, sob a influência do seu olhar ou de seus passos magnéticos, sentiam peso nos olhos, bocejavam, adormeciam, as párpadeas começavam a tremer e a fechar-se; o próprio Jussieu, testemunho casual, menciona em seu relatório um destes casos, o de um paciente que, com os olhos fechados, se levanta de subito, magnetiza outros enfermos e sempre de olhos cerrados, volta a a sua lugar e senta-se, sem conservar a menor noção de suas ações, sonâmbulo em pleno dia.

De vez, com vez talvez se encontraria Mesmer, durante seus longos anos de prática, com esta letargia do paciente, este abatimento em si mesmo e tornar-se insensível. Mas como ele não procurava sentir a crise, o convulso, como elemento de cura, retinava em passar por alto sobre tão singulares torpes. Hipnotizado pela sua idéia, oferia-se este filho da totalidade obstinadamente a tal idéia, extraviando-se com a sua teoria, em vez de operar como aconselham as sotoperfisíssimas palavras de Goethe: "O principal está em compreender que todo o real e efetivo é já, em si, teoria. Não há o que procurar por traz dos fenômenos, visto que eles mesmos constituem o drama". Assim é que Mesmer deixa de lado a ideia imperativa de toda a sua vida para que outro colha aquilo que semelhou o seu precioso precursor. O fenômeno decisivo de "lado notívago da natureza, o hipnótico, foi redescoberto por seu discípulo Puysegur. E, em rigor, o mesmerismo leva o nome de Mesmer com tão pouca justiça como leva a América o de América Vespuíci.

A consequência ulterior desta observação, o parecer insignificante da cidadândade de Mesmer, dificilmente se pode abanger com tanta longeza de vista. O campo de observação se dilatou além do noturno. E' como se se houvesse encantado uma terceira dimensão, pois se ficar provado, naquele ingênuo camponês de Buzancy, que, no mundo espiritual de homem há entre o negro e o branco, entre o sono e o vigília, entre o raciocínio e o instinto, entre o vontade e a submissão, entre a consciência e a inconsciência, toda uma série de estados intermediários fugitivos, imprecisos, vacilantes — produzir-se uma primeira diferenciação naquela esfera que chomamos alma.

Aquela experiência, insignificante em si, estabelece de modo indiscutível que, incluir os fenômenos psíquicos mais extraordinários, os que parecem se projetarem qual misteiras, além dos limites da natureza, obedecem a certas normas pré-determinadas. O sono, considerado então como um estado negativo, como um eclipse da consciência e, portanto, como uma negra vacuidade, revela nesse estado, novamente descoberto, de sono de vigília, uma multidão de misteriosas forças latentes no cérebro humano, além do raciocínio conciente, forças que atuam uns sobre outras e que, por efeito do diaivo desto, consciência crítica, conseguem vir à luz — uma idéia apenas esboçada indeterminadamente e que com anos mais tarde a psicanálise levou a fecunda filiação.

Com este conquisto sobre o desconhecido todos os fenômenos do espírito adquiriram um sentido completamente novo, e um número incontável de reações se precipitam pela porta — aberta mais por casualidade que pelo mês do homem — do mesmerismo, que "pela primeira vez obriga e investigar, a estudar os fenômenos da concentração e dispersão, da fadiga, atenção e hipnose, das crises nervosas e da simulação, que, juntos, constituem e moderna

psicologia" (Pierre Janet). Pela primeira vez chega o humanidade a saber muitos coisas que até este momento possuíam por mágicas e super-sensíveis e a ter delas uma noção clara e precisa.

Esta súbita dilatação do mundo interno como resultado do futil de conservação de Puysegur, desperta instantaneamente em todos os seus contemporâneos um entusiasmo indescrevível. E não é empresario facil descrever a efeita, tristemente rápidos, que o "mesmerismo", como noção inicial de fenômenos até então ocultos, produz em todos os cérebros ilustrados da Europa. Precisamente Montgolfier acaba de conquistar o mundo etéreo e Lavoisier de descobrir a composição química dos elementos; e eis que a estes triunfos se havia de acrescentar agora, uma primeira irrupção no reino do super-sensível: nada há, pois, de surpreendente que toda aquela gregaria se sinta possuída de uma fôr inquebrantável no solução definitiva deste mistério primordial que é a

uma estância onde a ciência nunca projetara siquer um dos seus reis. Mas dá-se o que sempre se expõe; nem bem alguém obre uma porta, nem é de excesso a alguma coisa de novo, se apressa o penetrar por ela, justamente com os investigadores, doutos e semelhantes, uma chama de curiosos vulvares, iludidos, loucos e chorlólatas. Característica de humanidade é a ilusão, a um tempo útil e perigoso, que pode virgar de um só impulso, de um único salto, os fronteiras do teatro para alcançar o mistério do Cosmos.

E quando alguém consegue penetrar uma miséria, polegando nos domínios da ciência o que está a ignorância confiada disponibilizada, com oponer o queque pôr raso, o tomar a chave de todo o universo. Assim aconteceu também desta vez. Apenas descoberto o fato de que, por meio de um sono hipnótico artificialmente provocado se pudesse obter resposta do paciente, persuadiu-se o vulgo de que este pode responder a todo espécie de perguntas. Com imprudente precipitação, são declarados em seguida videntes, todos os sonhadores e equiparados a sonhos proféticos os alucinados. Outro sentido, mais profundo, alçado modo "sentido interno" do homem é o que atua nesse estado de encantamento.

"No vísio magnético o espírito recebe alguma coisa daquela instância que guia o passado, através das mares, para um país que nunca viu, qualquer coisa do instinto que impulsiona o inseto para o previdente labor em prol do seu ninhado, ainda não nascido; em linguagem inteligível: raciocina e responde a nossas perguntas, (Schubert). Os extremitos do mesmerismo aprofundam que "em estado de crise os sonâmbulos podem prever o futuro e seus sonhos podem alcançar qualquer distância e em todos os direções".

Podem profetizar, por introspecção, um fato peculiar de ver, de si para si; les no seu próprio coro e no alheio, e diagnosticar assim, sem perigo de erro, as enfermidades. Indivíduos analfabetos são capazes de falar em latim, hebreu e grego, citar nomes nunca ouvidos, resolver com grande facilidade os mais difíceis cálculos; metódos nôrmis, segundo parece, não vão ao fundo; sua clairividância lhes permite ler livros que, fechados e selados, se ancostam sobre o seu coro; nôrmis, podem da mesma forma mencionar sucessos que se estão passando no momento em remotos paragens do mundo; descobrir crimes cometidos há dezenas de anos — em resumo, não há enigma, por absurdo que seja, que não possa ser desvendado por um médium.

Conduzem-se os sonâmbulos às covas onde se supõe que haja tesouros escondidos, e ali se cova a terra até à altura do peito, afim de que o contacto do "médium" permita descobrir o ouro ou a prata. Quando é levado, a uma formócia para que, valendo-se do seu "elevado" sentido, indique o verdadeiro remédio que um enfermo precisa e — voilá! — entre contenedores de boles salva encontrar a única droga benfazeja. O que há de mais incrível é atribuído aos "médiums". Todos os fenômenos e práticas do ocultismo que se usam ainda hoje em dia em nosso mundo: o videntes, o adivinhão do pensamento, o conjurado dos espíritos, os artes telepáticas e telelústicas, todas derivam de primitivo entusiasmo pelo "lado notívago da natureza".

Não se passou muito tempo sem que apareça uma nova carreira: o sonambulismo profissional. E como um "médium" se valoriza tanto quanto mais sensacionais são suas revelações logo os prestidigitadores e gente da sua lida se valem de toda espécie de fraudes e ilusões para elevar sua força "magnética" a um grau inconcebível. Já no tempo de Mesmer, os que desempenhavam o seu ofício de curar, de fazer milagres, eram os pedantes como Justino Kerner e Klug e os poetas como En-tremos e Cesar e os Apaixonados; os espíritos são vigorosamente conjurados e "dourinhados".

As pessoas crédulas, nescias e supersticiosas, os poetas como Justino Kerner e os pedantes como Entremos e Klug asseguram a veracidade dos milagres do sonambulismo artificial. Assim, é mais do que

(Continua na página 188)

GROUCHY — STEFAN ZWEIG

No meio de batalhas e galantries de intrigas e de discussões no congresso de Viena d'Austria, cui a notícia aterradora e inusitada como um obuz: Napoleão, o herói aprisionado, destronado a seu jaula de Elba.

As mensagens estão chegando agora atras das outras. Contatou Lyon e expulsou o rei. As tropas de bairradas fanáticas correm ao seu encontro. I, está em Paris, nas Tuileries.

Eram inutéis Leipzig e os vinte anos de uma guerra humana.

Como se todos tivessem sido acordados com uma única pacífica forte e terrível, os ministros intrigantes já não podem mais discutir; apressam-se a chegar a um acordo. Organizam-se, a toda pressa, exercitos: um inglês, outro prussiano, outro austriaco, outro russo. Têm um único objetivo: aniquilar, definitivamente, o poder do usurpador. Numa a clássica Europa dos imperadores e dos reis se viu tão unida como naquela hora de pânico.

Pelo norte, avança Wellington contra a França. Ao seu lado aminha-se o exército prussiano sob o comando de Blücher. Schwarzenberg toma posícões no Rheno e os pesados e leitosos regimentos russos, formando as reservas, passam pela Alemanha.

Um único olhar basta a Napoleão para compreender o perigo mortal. Compreende que não deve perder tempo, que não pode esperar que a multidão se reuna. E' preciso dividir e atacar isoladamente os prussianos, os ingleses, os austriacos, antes que se convertam num exército europeu e derrubem o seu império. Deve ir depressa. Os inimigos no seu próprio país estão desertoando. Deve vencer antes que os republicanos se slutam fortes e se unam aos realistas, antes de que o hipocrata e enigmático Fouché, de acordo com Talleyrand, sua imagem e seu êmulo, consigam a vitória na sua retomada. De um golpe, com suas tropas delirantes de entusiasmo, deve lançar-se sobre os seus inimigos. Cada dia significa uma perda, em cada hora está oculta um perigo. Por isso, não hesita em arriscar-se sobre o campo de batalha mais ensanguentado da Europa: sobre a Bélgica.

Em 15 de Junho, às três da madrugada, a vanguarda do grande exército de Napoleão — o único exército — atravessa a fronteira. Em 16 chegará a Ligny e combate contra o exército prussiano, que derrota e obriga a retroceder. E' a primeira batalha da leão que se sente livre: um golpe terrível, mas não mortal. Vencido, mas não aniquilado, retira-se o exército prussiano em direção a Bruxelas.

Napoleão vai então desferir o segundo golpe, contra Wellington. Não tem tempo de tomar alento: cada dia que passa significa um reforço para o inimigo e tem que conquistar também a terra que fica atrás dele, o exangue e inquieto povo francês, a quem deve devolver o ânimo com o ardente elixir do anfíbio da vitória.

No dia 17 avança com todo o seu exército até as alturas de Otrante-Bras, onde se entra cheiro de Wellington, o frio inimigo de nervos de aço. Nunca, como naquele dia, foram mais meditadas as disposições de Napoleão, nunca foram mais claras as suas ordens. Não pensa, no entanto, no ataque, mas prevê também os perigos; prevê a possibilidade de que as tropas de Blücher, vencidas mas não aniquiladas, possam juntar-se a Wellington.

Para evitar isso, destaca uma parte do seu exército para ir afastando, passo por passo, a sua união com os ingleses. As tropas prussianas e impedindo

perseguição é confiada ao marechal Grouchy.

Grouchy, de uma inteligência mediocre, valente, justo de toda confiança: um caudilho de valor comprovado, mas nada mais do que um caudilho. Não é um guerreiro ardente e impetuoso, como Murat a frenética da sua cavalaria. Não é um estrategista como Saint Cyr ou Berthier, nem um herói como Ney. Não se vê sobre seu peito o esplendor da coragem. Nenhum mito aureola sua fronte, nenhum feito extraordinário lhe dera a fama para que aparecesse no mundo heróico da legenda napoleônica. Daram-lhe nome unicamente as suas desgraças e os seus fracassos. Durante vinte anos combateu em todas as batalhas, desde a Espanha até a Rússia, desde a Holanda até a Itália. Lentamente, não sem méritos mas sem façanha alguma extraordinária, ia conquistando, passo a passo, a dignidade de marechal. As batalhas austriacas, o sol do Egito, os punhais Árabes, os gelos da Rússia iam aniquilando os seus camaradas. Desafix em Marengo, Kleber em Cairo, Lannes em Wagram. Não tiveram de assalto o caminho que devia conduzi-lo à dignidade máxima. Conquistou-o aos poucos, através de vinte anos de incessante guerra.

Napoleão sabe perfeitamente que em Grouchy não possui estrategista algum; tem apenas um homem de confiança, fiel, valente e sereno. Mas a metade dos seus marechais já sob a terra e os que ficaram estão desanimados, vivem retirados em suas terras, fartsos da eterna vida dos caminhos de batalha. Por isso vê-se obrigado a confiar a um homem mediocre uma missão de decisiva transcendência.

As ondas da manhã do dia 17 de Junho, um dia depois da vitória de Ligny, um dia antes do desastre de Waterloo, Napoleão confia pela primeira vez a Grouchy um comando independente. Num segundo, aquele militar passa para a história universal. Foi isso durante um instante somente, mas que instante!

As ordens de Napoleão são precisas: encarregando ele avançar contra os ingleses, Grouchy deve perseguir o exército prussiano encabeçando uma terceira parte das forças. Em aparência uma missão simples, catártica, inconfundível: mas, avançar a pé, ambugi e de duplo fio, como uma espadada, o fio a cumprir esta ordem. Grouchy está obrigado a não perder o contacto com o grosso do exército.

O marechal aceita o cargo de comando com certa hesitação. Não está acostumado a agir por seu próprio impulso: sua prudência, falta de iniciativa, somente se sente segura quando a observação genial do Imperador lhe indica a atitude que deve tomar. Além disso, pressente agora, atrás das suas costas, o descontentamento dos seus generais e, talvez, o fatal golpe do destino. Mas tranquiliza-o a proximidade do quartel-general; três horas estanquadas de marcha separam-no do exército do Imperador.

Chove torrencialmente. Debaixo daquela chuva despede-se Grouchy. Logo, lentamente, afundando os pés na lama mole, avançam os seus soldados através das linhas prussianas, na direção que supeiram ter tomado o general Blücher.

A NOITE DE CAILLOU

A chuva cai em torrentes. Como rebanhos mergulhados em água, avançam os regimentos de Napoleão nas trevas. O barro torna pesados os passos. Não se avista casa alguma. Não há casa nem refúgio. A paisagem está completamente molhada, é impossível dormir sobre ela e os soldados se reúnem em general Blücher.

tas contra costas, debaixo da chuva que não tem piedade.

Mas o imperador também não desculpa: está possuído de uma curiosidade febril, pois os reconhecimentos franceses perante a impenetrabilidade do tempo e as informações dos exploradores são muito confiáveis. De nada sabe: não sabe se Wellington está disposto a ferir a batalha e não lhe chega notícia alguma do ataque do Grouchy contra os prussianos. A uma da noite, desprezando a chuva torrencial, o Imperador sai para percorrer os postos avançados. Numa distância de tiro de canhão, mais ou menos, divisa-se, através da neblina, o amortecido esplendor das luzes do acampamento inglês.

Napoleão projeta o ataque. Ao romper da madrugada regressa à sua pequena cabana de Caillou, ao humilde quartel-general. Ali encontra as primeiras notícias de Grouchy: confusas notícias sobre a retíndida dos prussianos, mas com a promessa tranquilizadora de que continuaram sendo perseguidos.

A chuva está lentamente parando. Napoleão vai e vem impaciente pela estância, fixa o olhar no amarelo do horizonte, esperando que o véu da distância se descole e lhe permitisse tomar uma decisão.

As cinco da manhã — a chuva cessara — as nuvens pesadas, interiores, de dúvida, se desvaneçem. Corre a ordem para que, à cida, todo o exército esteja disposto para a batalha. Os tambores redobram chamando a formar e as ordenanças a cavalo galopam em todas as direções.

E' só então que Napoleão se deita na sua cama de campanha para dormir duas horas.

A MANHÃ DE WATERLOO

São nove da manhã. As tropas ainda não se reuniram todas. A chuva, que caiu, sem cessar, durante três dias, tornou mole a terra e a artilharia tem que avançar vencendo grandes obstáculos.

Lentamente elevou-se o sol e os seus primeiros raios brilham através de um vento penetrante. Não é o sol radiante e cheio de promessas de Austerlitz, é um sol amortecido de resplendores nôrdicos.

Afinal as tropas estão dispostas e Posto, montando a cavalo, com uma missão simples, catequética, inconfundível: mas, avançar a pé, ambugi e de duplo fio, como uma espadada, o fio a cumprir esta ordem. Grouchy está obrigado a não perder o contacto com o grosso dos estandartes, os ginetes brandem as suas espadas e os soldados levantam as suas gorras peludas, aganchadas nas pontas das balonetas. Em honra do general redobram freneticamente os tambores e as trombetas luncam nos espacos as suas notas agudas e todos aqueles sons estremecem fleam apagados pelo grito delirante que ressoa como um trovão por elma dos regimentos e que sal, como se fosse de uma só boca, da setenta mil gargantas.

Vive l'Empereur!

Durante os vinte anos napoleônicos, nenhuma revista militar alcançou a magnificência e entusiasmo daquela. Mas, também, era a última.

Quando os gritos emudeceram, eram onza, quase duas horas mais tarde do que a prevista — duas horas de atraço fatal! — a artilharia recebe a ordem de concentrar o fogo contra as "guerreiras vermelhas" que ocupam a colina, pois Ney, le brisé des braves, já avançava em frente à sua infantaria.

Assim começou a hora suprema de Napoleão.

Inúmeras vezes foi descrita esta batalha. Ninguém se cansaria de ler as suas emocionantes alternativas, na pintura magnífica de Walter Scott, e na relação episódica de Stendhal. O espetáculo é variado e

grandioso, quer se contemple mo recurso: suplica que da colina onde se encontra o permitam acudir um campo de general, à distância, quer se esteja de perto por sobre a sola do couraço. Obra mestra de ria e compromete-se a regressar em tempo.

E Grouchy medita por uns instantes.

A HISTÓRIA DO MUNDO NUM MOMENTO

Um momento medita Grouchy e este instante decide o seu próprio destino, o destino de Napoleão e o destino de todo o mundo.

Aquele momento, transcorrido numa casa de campo de Wallheim, decide todo o século XIX.

Aquele momento, transcorrido num silêncio de campo de Wallheim, decide todo o destino de Napoleão e o destino de todo o mundo.

Aquele momento, transcorrido num silêncio de campo de Wallheim, decide todo o destino de Napoleão e o destino de todo o mundo.

A França estaria salva se, nesse instante, Grouchy tivesse sido capaz de possuir valor e ousadia, se fosse capaz de compreender os sinalis palpáveis, si tivesse força para desobedecer às ordens recebidas. Mas esse homem mediocre se arrima a essas ordens: é incapaz de escutar a palavra do destino.

Por esta razão é energica a sua negativa. Sócia insensato reduzir ainda mais um corpo de exército que já estava dividido. A sua missão consiste em perseguir os prussianos e em nada mais. Não pode agir contra as ordens do Imperador.

Os oficiais não respondem e reagem um silêncio penoso.

E o instante decisivo deslizou inexoravelmente e nem os fatores nem as palavras poderão jamais reparar a fatalidade.

Wellington venceu.

O avanço prossegue. Gerard e Vandome levam a fúria no coração. Grouchy está inquieto e a cada momento que passa, sente-se menos seguro, pois não descobre vestígio algum das forças prussianas. Certamente abandonaram o caminho de Bruxelas.

Começam a chegar emissários com informações suspeitas. Parece que a retirada do adversário transformou-se numa marcha de falso em direção ao campo de batalha.

Ainda estaria em tempo de correr a marcha forçada e realizar um supremo esforço em auxílio do Imperador.

Grouchy espera com impaciência a ordem de regresso. Mas esta não chega.

Somente prossegue, cada vez mais afastada, a voz do canhão. A terra em volta dele trema. São os dados de ferro de Waterloo.

A TARDE DE WATERLOO

O relógio já deu uma hora. Tinham sido repelidos quatro ataques, mas conseguiram abrir uma brecha no centro de Wellington. Napoleão dispõe da iniciativa de Bruxelles e, antes que a fumaça dos canhões desse a sua coroa de fumo entre as colinas, dirige o seu olhão olhar por sobre o campo de batalha.

E' então que observa que, na parte do noroeste, avança uma sombra escura que parece surdir dos bosques. São outras tropas!

Imediatamente concentra-se o olho sobre aquele ponto: seria lá Grouchy que, num momento de clarividência, teria desobedecido às ordens e se apresentado milagrosamente no momento decisivo? Não. Um triste anúncio é que se trata da vanguarda do general Blücher, das tropas prussianas.

Pela primeira vez assalta o Imperador a certeza de que o derrotado exército prussiano se terá subtraído da perseguição e acado a reunir-se, oportunamente para elas, com o inimigo.

Imediatamente concentra-se o olho sobre aquele ponto: seria lá Grouchy que, num momento de clarividência, teria desobedecido às ordens e se apresentado milagrosamente no momento decisivo? Não. Um triste anúncio é que se trata da vanguarda do general Blücher, das tropas prussianas.

Pela primeira vez assalta o Imperador a certeza de que o derrotado exército prussiano se terá subtraído da perseguição e acado a reunir-se, oportunamente para elas, com o inimigo.

Imediatamente concentra-se o olho sobre aquele ponto: seria lá Grouchy que, num momento de clarividência, teria desobedecido às ordens e se apresentado milagrosamente no momento decisivo? Não. Um triste anúncio é que se trata da vanguarda do general Blücher, das tropas prussianas.

Pela primeira vez assalta o Imperador a certeza de que o derrotado exército prussiano se terá subtraído da perseguição e acado a reunir-se, oportunamente para elas, com o inimigo.

(Continua na página seguinte)

GROUCHY

(Continuado da página anterior) que é tão temerária quanto Grouchy vagaroso (já lhe mataram três cavalos) lançar de golpe toda a cavalaria francesa num ataque em massa. Dez mil couraceiros e dragões precipitam-se nessa terrível carreira da morte, destruindo as linhas, derrubam a artilharia e penetraram nas primeiras fileiras inimigas.

Simultaneamente recebe o marechal Ney a ordem de atacar. É necessário que Wellington seja repelido antes que os prussianos possam intervir. Dada a incerteza da situação, não se pode recuar ante risco algum.

E durante toda a tarde se sucedem aquelas terríveis ataques contra as colinas, com tropas de infantaria constantemente renovadas. Sempre de novo ocupam as aldeias destruídas, sempre de novo tem que evitá-las; sempre de novo levantam-se as ondas com as bandas desfraldadas contra as linhas inimigas. Já desmoroladas.

Mas Wellington mantém-se firme e ainda não chegam as tropas de Grouchy.

Onde está Grouchy? Onde ficou Grouchy? — murmura nervosamente o Imperador, vendo como a vanguarda prussiana vai intervindo, progressivamente, na luta. Os generais sob o seu comando sentem-se também cheios de impaciência.

E decidido a terminar dum vez, resolve o marechal Ney —

A DECISÃO

Dende cedo trovejam, nem cessar, quatrocentos canhões dos dois lados. Na frente ressoam as cargas da cavalaria contra os quadrados que comparam fogo. Os tambores tremem contra as membranas dos ouvidos em tensão. Toda a plateia teme com o tédio que ecolha em toda a parte. Mas, além disso, por cima de tudo, no alto das duas colinas, estão os dois generais e permanecem impassíveis ao ruído daquela tempestade humana. Estão escondidos e sólidos, cutando o outro som mais apagado.

Dois cronômetros tic tacam contra o centro de Wellington lida pelo terror, numa avançada debilmente como corações de passarinhos, nas mãos dos caudilhos, por sobre as massas. Napoleão e Wellington, os dois, não afastam a vista do seu cronômetro e contam as horas, os minutos, que tem que trazer-lhes os recursos decisivos.

Wellington sabe que Blücher anda por perto. Napoleão está esperando Grouchy. Nenhuma das dois conta com mais tropas de reforço. As que chegarem ao primeiro lido de decidir a vitória.

Os dois examinam com os olhos a margem do bosque onde começam a divisar-se as vanguardas prussianas. São unicamente destacamentos? Ou é todo o grosso do exército que está fugindo perante Grouchy?

Já resistem os ingleses unicamente com suas últimas forças, mas também os franceses já estão enraquecidos. Como são os dois atletas, dificilmente respirando, estão os dois exércitos frente a frente: querem mais uma vez fortemente respirar antes de acometer pelo último vez: chegou o momento do golpe decisivo.

Por fim trocam os canhões no flanco prussiano, divisa-se destacamento: escaramuças, fogo dos fuzileiros.

— *Grouchy!*

Napoleão responde mais fraticamente. Crendo o flanco seguro, reúne Napoleão suas últimas tropas e lança-as de novo

contra o objetivo de romper o anel inglês que guarda Bruxelas e fazer voar, desta maneira, a porta que conduz a Europa.

Mas aquelas escaramuças, aquele fogo dos fuzileiros não passava de um erro: os prussianos, desconcertados pelos uniformes desconhecidos, dirigiram logo contra os hanoverianos, mas logo perceberam o seu equívoco e saem em massa ampla e potente da escuridão do bosque.

Não: não é Grouchy que chega com as suas tropas: é Blücher e, com ele, também a sentença.

A notícia não tarda em chegar às flas imperiais que começam a retroceder com relativa ordem. Mas Wellington compreendeu, à primeira vista, o momento crítico. Galops até a margem da colina vitoriosamente defendida e agita o chapéu sobre sua cabeça, assinalando o inimigo, que se retira. aquele resto de triunfo é compreendido pelos seus e, num supremo esforço, lancam-se os ingleses contra a massa desmoronada. Ao mesmo tempo a cavalaria prussiana ataca pelo flanco contra o exército vencido e destruído e, repentinamente, ecos o grito mortal de — *Savre qui veut!*

Em poucos minutos converte-se a grande armada num torrente desenquadrado. Início.

Somente a noite que está caindo facilita ao Imperador salvar a vida e a liberdade. Mas aquela homem, sujo e aturdido, morto de cansaço, que se deixou cair do cavalo à porta de uma miserável cabana, já não é mais o Imperador. O seu reino, a sua dinastia, a sua sorte evapora-se.

A falta de decisão de um homem vulgar destruiu o soberano edifício construído em vinte anos pelo mais atrevido e perspicaz dos mortais.

O TRISTE RETORNO À VIDA VULGAR

Apenas Napoleão acabava de sair derrotado, pelo emprisco inglês, quando uma ealecha na qual se sentado um homem desconhecido, tomou a galope trazendo o caminho de Bruxelas: dali e do mar, onde uma bela nave esperava pelo viajante.

A belonave toma o rumo de Londres e o homem desconhecido chega já antes que os cor

(Continua na página 172)

A VIDA É DE CABEÇA BAIXA — Alvaro Moreira

AMOR

Os chineses dizem que os animais, vivendo juntos, terminam se amando, e que os homens, vivendo juntos, terminam se odiando. Talvez os chineses exagerem. Nem todos os homens são japonenses. Na verdade, existem mais homens que se amam do que homens que se odeiam. Apenas, eles não sabem. Alguns, por falta de matéria prima. Alguns, por excesso. Mas que a vida vale a pena de ser vivida. Vale. A prova é que tem continuado. E justamente pelo amor. Até os anjos, com a sua fama de puros espíritos, voaram para a terra e se uniram, numa remota noite, às filhas dos homens. E o que informa por alto o versículo 2 do capítulo VI da Génese. O poeta Eugênio de Castro conheceu o caso por menorizadamente e o noticiou em versos, que não são porem deviam ser brancos, em memória das asas desmorchadas que, na manhã seguinte, enchiaram o local do crime:

*Quando os visos, ao sol, se iam já alourando,
O velho Patriarca, erguendo-se, espiando
O fatigado olhar, e assistindo as serenas
Campinas matinais cobertas pelas penas
Que o amor tinha arrancado à prateada inocência
Das suas viginais das anjos em demência,
Quedo e angustioso qual egulha de basalto.
Ficou mudo, a pensar... e enfim clamou bem alto:
— Como foi? como foi, poderoso Senhor,
Que caiu tanta neve, havendo tal calor?*

CHOPIN E CAMILLE MAUCLAIR

Eu tive um dia que morreu com quase setenta anos e que poucos milhares de setenta palavras pronunciou na vida. Morava sózinho com um piano. Fazia uma distância de música entre ele e os outros homens. Nessa distância é que cultivava o seu silêncio.

Fui dos raros que lhe escutaram a voz: um dia, depois de tocar certo Noturno de Chopin: — Toda a dor do mundo está aí... — outro dia, depois de ler, em pé, encostado numa estante, durante duas horas, aquele livro de Camille Mauclair: "La Religion de la Musique", colocou o volume no lugar de onde o tirara; disse: — Não é muito burro esse sujeito?

Nunca encontrei nada melhor sobre Chopin e sobre Camille Mauclair.

OS BURROS

É preciso acabar com esse desrespeito. Ou com esse equívoco. Os burros não são burros. Olhem os olhos deles.

Eu gosto dos burros. De quase todos. Principalmente dos que andam, tão desgracados, na dura lida, sobre as pedras, das ruas, sobre o barro das estradas, ao sol, à chuva, dia e noite. Tristes, tristes. Sem uma queixa.

Que humildade! Que paciência! Que coragem!

Pensam para dentro. Não procuram impor nem a sua vontade nem a sua opinião. Obedecem. Zurram. É um modo de dizer que não tem nada com isso.

Se foram à guerra, foram levados. Combate-

ram os filhotes, resumidos numa caveira, que São-brandiu, criando o mais puro dos símbolos.

Mandaram representante ao nascimento de Jesus Cristo e forneceram o andor para entrada festiva em Jerusalém, como prova de que acreditavam na palavra dos profetas, mas com certeza não acreditavam.

Não é fácil julgar criaturas de tamanha discrição. Dos burros, além dos nossos pontos de vista, só possuímos a aparência. Aparência que varia conforme os nossos pontos de vista. Há quem os acha ridículos. Há quem os acha sublimes. São bonitos e são felizes de acordo com os temperamentos.

Já existe tanta crítica, de tanta coisa. Para que critica dos burros? Bom é lhes querer bem. admitem-lhos tal qual se revelam, incapazes de aborrecer os outros, inimigos da publicidade, calmos, silenciosos, delicados.

Talvez, no mundo interior, conservem a alegria da infância, muito escondida, e continuem brincando com ela. O aspecto que vemos, vido, será para uso externo: a inocência deteriorada.

Quanto ao colo... quem nunca deu um coice, que atire nos burros a primeira pedra...

UM CASO MEIO TRISTE

Na Sociedade Anônima "O Malho", durante treze anos, trabalhei ao lado de Carlos Manhães, um rapaz dos Correios que fazia "O Tico-Tico". Um companheiro dedicadíssimo. Estava sempre inventando coisas para me agradar. Como me dava presentes! Por mais que eu não quisesse, ele insistia em estabelecer que eu era o chefe e ele o subalterno. Mas um subalterno por prazer, por orgulho, por vocação:

— Aqui dentro, tirando o senhor, não existe mal nenhum.

Um dia, me tiraram lá de dentro. Quando me encontrei cá fora, Carlos Manhães não me conheceu.

"SE QUERES A PAZ..."

Aquele homem que disse: — Meus amigos, não há amigos! — tinha, sem dúvida, um coração desgraçado. Mas que espírito observador!

JOSE LOPEZ DOS REIS

Ninguem o conheceu de nome. Foi o dr. Cauby Pitanga, popularíssimo, o dr. Sabe-Tudo, o Vovô. Escrevia com esses disfarces, quarenta aços, na imprensa. Era com tanto exagero cumpridos das suas obrigações, que só deixou de trabalhar para morrer. Morreu com medo de que reparassem. Aproveitou um domingo, dia de descanso, e fez-se embora. Alegre. Dava bom humor. Tinha um jeito de militar reformado, de antigo diretor de colégio, de velho ricaço. Era palavro, nunca ensinou senão a sorrir, e vivendo sempre com patrões, sempre vivia pobre. Pobre de dinheiro. Porque o resto os patrões é que não tinham nada...

DOCUMENTO NO AR

Além de "O Malho", em plena campanha pela

candidatura Júlio Prestes à presidência da República, J. Fabrino orientador político da gerência, fundou "O Papagaio", como reforço. Para o número de estreia, pediu um artigo a Bastos Tiere.

— Bem engraçado!

Entregue a encôrdena, J. Fabrino leu, refeu, cocou a cabeça, disse:

— Desculpa, meu velho, mas não acho nenhuma graça...

— Bastos Tigre, furioso:

— Seu Fabrino, eu tenho trinta anos de humorismo!

DIAGNÓSTICO

É difícil afirmar quais são os doidos. Há tantas escolas! Lauro Müller, por exemplo, quando ouvia que alguém enlouquecera, perguntava sempre, para ter certeza:

— Já rasgou dinheiro?

UM FAN QUE DEUS LEVOU

Chamava-se Cícero. Cícero Valadars. Era um homem excente e um péssimo desenhistas. Doido por cinema. Não perdia nenhum programa. Ganhava pouco, porém gozava muito. Tinha a voz em oposição ao sexo. Escutado no telefone, parecia mulher. Ouvido de corpo presente, não dava dúvida, dava espanto.

— Você fala sempre assim?

— Não. Eu até fala bem grosso. Mas, uma vez, no Amazonas, fui tomar banho no rio, uma piranha me mordeu atrás e eu fiquei com esta voz. Ah! é verdade! — o senhor viu aquela fita? "Beijos que matam", no Fenix?

— Ainda não. É immoral, não é?

— Científica!

— Ah!

— E "A Cabana do Pal Tomás", o senhor viu?

— Também não.

— E' de uma tristeza! Minha senhora chora pra burro!

Adorava Francesca, Bertini, Pina Menchini, Mary Pickford, Theda Bara, Norma Talmadge, Gloria Swanson...

Morreu sem dizer nada.

Em que estrela estava agora?

— E?

Li ontem esta definição:

— O antropólogo é um homem que aprecia os seus semelhantes.

DESTINO

Não, não nasci para chefe. Chefe manda. Eu peço. Peço que não me mandem.

ESTRELAS?

— Há quantos anos Zola tinha fô?

— Creio que a crise que atinge serviu para renovar os espíritos e lhes dar mais certezas na procura do que é justo e do que é verdadeiro. Sinto que não surgir estrelas novas no céu.

ALVARO MOREIRA.

Sonetos de Augusto Frederico Schmidt - (Do Mar desconhecido)

MAR DESCONHECIDO

Sinto viver em mim um mar ignoto,
E nato, nas horas calmas e aresas,
As águas que murmuram como em prece,
Intranhas orações intradáveis.

Ouro, também, do mar desconhecido,
Nas instantes inquietos e terríveis,
Dos ventos o grito desesperado
E os solutos das ondas agoniadas.

Sinto viver em mim um mar de sombras,
Mas tão rico de vida, e de harmonias,
Que deles sei nascer a misteriosa

Musica, que se apalha nos meus versos,
Esse música errante como os ventos,
Quais asas no mar geram tormentas.

SONETO DO PATRIARCA

Toda noite de paz se estendeu sobre os campos,
E as estrelas de Deus aos grandes céus antigos
Vieram chegando aos poucos e fizeram o noturno
Mundo, onde o sono viria compensar-me as fatigas.

A agua mansa de um rio, onde os rebanhos dormem,
Vai murmurando a sua doce e tranquila canção.
O vento leve agita as folhagens e alaga
Muitas longas burbas brancas e proféticas.

As mulheres e sevas a quem dei tantos filhos
Deixam há muito na paz desta noite perdida,
E o tempo foge e vai como um fruto maduro.

Deixou em pouco virá a hora calma da morte;
E nata a mão de Deus que se estende a colher-me,
Para que eu seja apenas uma espiga a mais na
Isca eterna.

SONETO CIGANO

Lembra-me sempre a viagem, a grande a estranha
Viagem
As mulheres brincavam e riam ao pé das enormes
Fogueiras
Roxas cor do bronze, olhares misteriosos,
E natos escuros para todos os mistérios.

Lembra-me sempre a viagem, as estradas perdidas
Por onde seguimos atrás das autoras ingênuas
Que corriam cantando, e atrás das horas fugidias
— Hocas que pareciam dansar ao ruído de pandeiros.

Era tudo uma grande inocência e desculpa.
O futuro sombrio, as ambições, os medos.
Nas me lembro de os ter sentido nesses tempos.

Continuamos, então, flores e frutos nos caminhos,
Amavamos o amor nas morenas mulheres,
E acorremos à mercê dos ventos e das chuvas.

SONETO DE LUCIANO

Seu olhar se fechou para este mundo,
Para Branca de Neve e os Sete Anões,
Para as estrelas, para os passaros cativos,
Para o mar tão azul e as montanhas e os céus.

Seu olhar se fechou para as florestas
Onde há tigres e leões na noite escura,
Para os campos em flor e para as mansas
Ovelhas do Senhor, quietas e humildes.

Seu olhar se fechou, e a noite veio
E envolveu o seu corpo pequenino,
Tão mal coberto para tanto frio.

E no sol, com o seu olhar inquieto
Cego de assombroço e de segredos,
E profunda, talvez, de outras briquedos.

Meus avós portugueses

Mes avós portugueses no meu sangue
Estão falando há muito e é assim somente
Que, por vezes, as vozes de outros sangues
Não se fazem ouvir e não comandam.

Mes avós portugueses são teimosos
E procuram vencer-me transformando
Essas minhas volúprias de erradio,
De vagabundo, em nobres sentimentos.

Querem-me esses avós, do Minho e Douro,
Um ser capaz de amar a terra à antiga,
E nesse amor construir toda uma vida;

Querem-me um erente em Deus e um fiel exemplo,
De constância no amor: "é certo, as vidas,
Isto acontece, mas somente as vidas".

VAMOS: O MAR ESPERA...

Vamos: o mar espera e vai levar-nos
No seu dorso e essas ilhas suspiradas;
Vai levar-nos, nos nossos frágiles bares,
Até onde sonhamos, lá bem longe...

Os caminhos do mar, hoje tão verdes,
Lembram campos em flor, que o vento leve
Faz ondular com as suas mãos macias.
Vamos, aos nossos bares, marinheiros!

O momento chegou de enfim, seguiremos
A procura das ilhas encantadas
Que estão adormecidas, entre as brumas...

Vamos rever as filhas dessas terras,
Essas flores morenas e inocentes,
E nelas encontrar o esquecimento.

QUERO AGORA REVER AS VELHAS FLORES

Quero agora rever as velhas flores
Que na minha alma outrora vicejaram:
Flores de tempos idos e saudosos,
Flores do amor, de afeições e volúprias.

Em primeiro lugar ressurge a rosa
Que, de laméria da escura cabeleira,
Parecia uma rubra chama ardente
Consumida num mar negro e revoltado.

Em seguida esse lirio, longo e frágil,
Que, nas mãos quase mortas de Arabela,
Se confundia com os seus dedos finos.

Depois vejo flores mais ardentes,
Flores estranhas, de perfumes fortes,
Que nos seios de Lísia se escondiam.

AS ESTRELAS

Procurai-me, ó estrelas, procurai-me
Nos caminhos de mar, tristes e escuros
Procurai-me no mar, no seu amargo
Onde perdido estou e abandonado.

Procurai-me, ó estrelas, entre as águas
Nesses campos estéreis e salgados.
Procurai-me, poia sou como a semente
Que na fecunda terra se perdeu...

Oh! salvaí-me do mar, das águas suas,
Estrelas poderosas e queridas
Que contemplo do fundo dos abismos.

Vinde e fazei-me, irmãs, florir um dia
Nessas regiões distantes, por que anseio.
— Sou a Estrela do céu, no mar perdida!

A POESIA CHEGOU

O demônios que em mim tendes guarda,
O abismos escuros e trigoceiros,
Que me chamais e que me seduzis:
Vede, aqui estou perdido na Poesia!

Vede, mal não chegou, e nela eu fico,
Como o ser natural nos seus domínios,
Como o pássaro no ar e os peixes na água,
Como o ente amoroso em seus amores.

Vede a Poesia em mim, me transfigura,
E vos, tredos abismos e demônios.
Vosso poder perdiu, de vos me aparto.

E o que tanto a, minha alma seduzida,
Nada mais pode, nada mais encanta,
Quando a Poesia vem e me reclama.

Descem sobre as violetas escondidas
Os afagos das doces mãos da Aurora.
E eu contemplo o seu ser, abandonado.
Nesse sono, que é um mar de sombra e frio.

A noite imensa se escondeu aos poucos
No seu rosto apagado e em seus cabelos,
No seu aço secreto e soterrado
E nos seus longos pés purificados.

As violetas despertam suspiras
E o brando vento da manhã agita
As mal nascidas rosas dos jardins.

Es o respiro da noite, a alma noturna,
Que mal resiste à luz que vem chegando,
E estrela esquecida e misteriosa.

Porque tanto semei, se os frutos vieram
E não tenho sequer onde guardá-los?
Porque tanto semei, se o tempo é escasso
E a duração dos frutos é tão pouca?

Porque tanto semei, meu Deus, tão longas terras,
Se não tenho mais servos, se os meus filhos,
Abandonando ao pal — frutos perdidos —
A distantes culturas se entregaram?

Em breve, os rudes ventos destruidores
Vêm chegando, e os meus frágiles tesouros
Volatão novamente à terra marítim:

E então, olhando os céus, cansado e triste,
Pedrei que da morte o vento venga
E me alicabate como um fruto podre.

Como a Aurora, meu Deus, lá pelos altos
E perdidos caminhos se retarda.
E a querer vê-la uma vez mais, ainda,
Antes de ir-me a dormir na fria noite.

Porque dormis tanto, Aurora minha,
Quando tu preciso mergulhar meus olhos
De teu corpo nos úmidos vapores
E contemplar tuas formas redentoras!

Vem, que preciso ver-te, ó caminhante
E aos teus cabelos róxos e floridos,
E a teus pés tão macios e tão finos...

Vem, "não dormis tanto, ó doce aurora,
E thaze a esse que vai dormir sem sonhos
A tua doce visão, tão clara e pura!

E agora de repente no coração incompreendido
Está sofrimento, está mágoa, está agonia.
E agora nos olhos secos esta fonte seca,
Esta fonte inesperada e irreprivil.

No espírito deserto esta presença misteriosa,
Na inteligência distraída, esta súbita atenção,
Este sentido das coisas, esta claridade,
Esta conciência nítida de pecados e merecimentos.

Até há pouco o olhar fitava o escuro apenas,
Mas neste instante ou O vejo ao meu lado
E os ouvidos apagados O estão sentindo.

Seu rosto é o meu próprio rosto de certo,
Mas o seu olhar é o de alguém tocado pela graça
E vem de uma pureza, que não tenho, que perdi.

EXPERIÊNCIA DE AMOR

(Continuação da página 138)

por ela, sonhou para treinar um pouco o seu absorbente ofício. Procurou um meio de lhe falar, e soprava-lhe algumas frases, das bem sabidas, especie de palavras mágicas que tem o poder de obrigar a mulher que as ouve a lembrar-se delas mais tarde, analisá-las e ficar pensando a noite, sozinha, em seu quarto. No encontro seguinte ela já estava uma escrava, e ele na disposição de desfazer o equívoco. A moça possuía, porém, tal docura na voz, tal olhar e tal mímica cariocas, que ele se considerou perdido. Ao perceber o perigo, quis a princípio

cortar o mal pela raiz e começou a descobrir defeitos na moça. E esses defeitos ainda mais o atraíram. Principiou então a sofrer. E de tal modo se deliciou com esse sofrimento, tão diferente dos prazeres banais de suas outras conquistas, que para não estragar o seu amor com o tempo e o uso, resolveu desaparecer da vista da sua amada.

A ausência fez crescer o sofrimento: ele leu todos os livros de amor, devorou todas as "cartas" célebres, mas não procurou vê-la; embrigão-se dia e noite, mas não lhe escreveram um bilhete sequer; teve febre notites e noites, mas não lhe telefonou. Uma vez, por acaso, encontrou-a na rua; ela parou, sorrindo; ele sentiu que o coração a parar, ficou pálido, e avançou rápido em sentido contrário, desviando os olhos para não a cumprimentar. Foi para

casa e fechou-se no quarto, fingindo-se doente, para poder pensar nela a noite inteira. E esse é o seu maior gozo, esse sofrimento do qual não quer se separar. Há já três anos que isto dura. Dizem que com o tempo tudo passa, mas ele jura-me que não a esquecerá.

Nada vive verdadeiramente a não ser na nossa imaginação. De que "nada", de que multidão de inexistências é feita a vida que vivemos. Tudo é sonho, mas sonho acordado. Nós somos os criadores daquilo que não existe, e se nos tirarem aquilo que não existe, a vida não terá nenhum valor.

Caso mal estranho ainda é o do cavaleiro Rudel, que Stendhal transcreveu de um manuscrito provençal do século XIII: "Geoffroy Rudel era um gentil cavaleiro, príncipe de Blaye, que se enamorou da princesa de

Tripoli, sem nunca a ter visto, pela muita cortezia e extremos elogios com que se referiam a elas os peregrinos que provinham de Antioquia; fez-lhe muitas canções, de lindas musicas e doces palavras; desejoso de a ver, meteu-se pelo mar ao seu encontro. Acontece que durante a viagem teve uma grave moléstia, a ponto de seus companheiros julgarem-no morto; mas tudo fizeram até o conduzirem a Tripoli, e uma vez ali o transportaram para um albergue, ele sempre como morto. A princesa, tendo noticia do casal, veio até o leito em que ele jazia e tomou-o entre seus braços. Ele soube que ela era a princesa, recuperou os sentidos, a vista, e rendeu graças a Deus por lhe ter sustentado a vida até o momento de vê-la. E assim morreu nos braços da princesa, que o fez sepultar com todas as honras. Nesse mesmo dia ela entrou para um convento, de tristeza que sentiu por ele e por sua morte".

Como se vê, é esta a maior contradição humana de que há notícia: o amor é um sentimento "custo".

D. MILANO

FIM DE NOVELA (CAPÍTULO FINAL DE "24 HORAS DA VIDA DE UMA MULHER")

(Continuação da página 137)

veia que estava diante de mim, mirá, e ao mesmo tempo aca-

nhada. Seria o reflexo da paixão extinta? Seria confusão, o que de repente a fez corar até a raiz dos seus cabelos brancos?

O lato é que ela ali estava pacidamente como uma menina perturbada pela recordação e envergonhada com sua própria confissão. Comovido a meu pesar, sentia um vivo desejo de testemunhar-lhe por uma palavra qualquer a minha defesa. Mas, senti, qualquer coisa que me aperitava a gatiganta.

E não consegui sendo curvamente profundamente e beijar com respeito a sua mão enrugada que tremia ligeiramente como um folhagem de outono.

FUGA

Não adianta rezar:

aviões na estratosfera abatem cada prece tristemente a subir para o céu que estremece, o velho céu fechado e cansado de guerra. Jesus anda na terra, anda na água, anda no ar. No mesmo ar, na mesma água e nesta mesma terra o demônio semeia...

O tempo é longo e mau. Mas o olhar não esquece, quando larga os jornais, e logo, e aí se espalha, que é domingo; que o sol coruscá sobre a areia; que a areia, inquieta, escala, o mar sem submarinos brinca incrível e azul com as ondas e os mentinos, e as mulheres estão com seus corpos na praia.

Abgar Renault

GROUCHY

(Continuação da pág. 140)

relos extraordinários e conse-
gue, graças ao absoluto desco-
nhecimento da grande noticia,
saltar a balsa.

Esse homem, Botschild que, com um rasgo genial, acaba de fundar um novo império, uma nova dinastia.

No dia seguinte, a Inglaterra saiu da vitória, e em Paris, Fouché o eterno traidor, sabe da derrota.

Em Bruxelas e na Alemanha tomou todos os sinos a vitória. Sómente um ser nada sabe, na manhã seguinte ao desastre de Waterloo, apesar de estar passado somente quatro horas do lugar memorável. E' o pobre Grouchy.

Talhoso e sistemático, fia às ordens recebidas, continua marchando em perseguição dos prussianos. Mas não os encontra em parte alguma, o seu ámimo enfraquece e o marechal torna-se desconcertado.

Os canhões não cessam de rugir a pouca distância, cada vez mais forte, como se pedissem auxílio. Cada disparo parece penetrar na terra, parece atundar-se no coração. Todos já sabem que não se tratava de uma escaramuça, mas sim de uma grande batalha. Uma grande batalha final.

Grouchy está cavaleando nervosamente entre os seus oficiais, que evitam toda discussão com ele, pois os seus conselhos formam recusados.

Finalmente, perto de Wavre, encontram um corpo prussiano: é a retaguarda de Blücher que entrelheirou-se naquele lugar. Os franceses lancam-se furiosamente ao ataque. Gerard marcha em frente como si, pos-

sesse por um pressentimento sínistro, procurasse a morte.

Cai fulminado por uma bala e fica silenciosa a voz que podia exprobar.

Ao caer da noite, os franceses apoderam-se da aldeia, mas todos compreendem que aquela micrúscula conquista já não tem significação alguma, pois ali, um pouco mais afastado, no grande campo de batalha, reina um silêncio profundo, uma calma angustiosa, uma paz cruel, uma paz de morte.

Todos compreendem que o rugir dos canhões era mil vezes melhor do que essa inerteza que consome os nervos.

A batalha terminaria: essa batalha de Waterloo, da qual Grouchy somente sabe — finalmente — ao receber de Napoleão uma carta em que reclama urgentemente a sua presença.

A gigantesca contenda já deve estar decidida, mas: a favor de quem?

A espera dura toda a noite. Espera vã! Nenhum correio chega. Dir-se-ia que o grande exército esqueceu-se e que se tivessem perdido, sem objeto nem razão, na noite impenetrável.

Ao romper do dia levantam o acampamento e retomam a marcha, mas já convencidos de que são inutéis os seus avanços e as suas manobras. Finalmente, às dez da manhã, chega a galope um oficial do estado maior.

Ajudam-no a desmontar, e lá tarde demais, pois escapou-lhe, irremissivelmente, das mãos o instante supremo, forte Grouchy as provas de todas as suas apitidões militares. As suas virtudes, a prudência, a habilidade, a circunspeção e

as escrupulosidade manifestam-se claramente quando se sente doer de si mesmo e não escrava de uma ordem escrita.

Cercado por forças cinco vezes superiores às suas, empreende a retirada das suas tropas através o inimigo. Uma retirada que é uma obra prima da tática militar. Não perde um único homem nem um único canhão e salva deste modo o último exército do Império e da França.

Mas quando regressa, já não mais Imperador, para que lhe agradece, nem um instante a quem pudesse desafiar.

Chegara tarde demais. A sua vida exterior exalta ao ser nomeado general em chefe e para a França; segue desempenhando os seus cargos com energia e pericia, mas nada o redimira daquele momento em que fora dono do destino e que não soubera aproveitar.

Terrível vingança do instante supremo, deste instante que, de vez em quando, desce até a vida dos mortais, entregando-se ao homem vulgar que não sabe usá-lo.

As virtudes do cidadão, a prudência, a disciplina, o zelo e a prudência, armas magníficas durante os dias vulgares e pacíficos, todos se derretam imponentes nas brasas do grande instante fatal que somente exige gênios para formá-los em imagens duradouras.

O indeciso é repelido com desdém e desprezo. Somente os astrevidos, os novos deuses da Terra, são elevados pelo braços de fogo do Destino, ao céu dos heróis.

Dos "Momentos decisivos da Humanidade",

Galeria de nomes ilustres



AFONSO ARINOS DE MELO FRANCO, poeta e prosador, um dos eminentes colaboradores de "A MANHA" e de "AUTORES e LIVROS".



GILBERTO FREYRE, sociólogo brasileiro de brillante atuação espiritual, que recentemente saiu do Paraguai.



LUCIO DE MENDONÇA, poeta, romancista e jurista de real valor, cuja data de nascimento acaba de transcorrer.



ANÍBAL PEKIRE, jornalista, eminente e professor da Faculdade de Direito do Recife, hoje ministro do Supremo Tribunal Federal.